

GEORGE R.R.
MARTIN

A FÚRIA DOS REIS
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO DOIS

Provisório

Tradução
Jorge Candeias



Prólogo

A cauda do cometa espriava-se pela madrugada, um corte vermelho que sangrava por cima dos penhascos da Pedra do Dragão como uma ferida num céu cor-de-rosa e púrpura.

O meistre estava em pé, na varanda varrida pelo vento, do lado de fora dos seus aposentos. Era ali que chegavam os corvos, depois de longos voos. Os excrementos das aves salpicavam as gárgulas, que se erguiam a uma altura de três metros e meio, de ambos os lados; um mastim do inferno e uma serpe,* dois dos mil exemplares que se empoleiravam nas muralhas da antiga fortaleza. Quando chegara à Pedra do Dragão, o exército de grotescas esculturas de pedra costumava deixá-lo incomodado, mas, com a passagem dos anos, foi se acostumando. Agora, pensava nelas como em velhas amigas. Os três observaram juntos o céu, tomados por pressentimentos.

O meistre não acreditava em presságios. E, no entanto... Apesar de ser tão velho, Cressen nunca vira um cometa com metade do brilho daquele, nem daquela cor, aquela cor terrível, do sangue, da chama e dos crepúsculos. Perguntou a si mesmo se suas gárgulas já teriam visto algo parecido. Já estavam ali muito tempo antes de ele chegar, e ainda lá permaneceriam muito depois de ele partir. Se línguas de pedra falassem...

Que tolíce. Encostou-se nas ameias, com o mar batendo lá embaixo e a pedra negra áspera sob os seus dedos. Gárgulas falantes e profecias no céu. *Sou um velho acabado que se tornou de novo leviano como uma criança.* Teria a sabedoria duramente conquistada ao longo de uma vida inteira fugido com a saúde e a força? Era um meistre, treinado e acorrentado na grande Cidadela de Vilavelha. A que ponto chegara, se a superstição lhe enchia a cabeça como se fosse um camponês ignorante?

E no entanto... No entanto... Agora, o cometa brilhava até durante o dia, enquanto o vapor cinza-claro se erguia da cratera quente do Monte Dragão, atrás do castelo. E na manhã anterior, um corvo branco tinha trazido notícias da própria Cidadela, há muito esperadas, mas não menos temíveis por isso, notícias do fim do verão. Tudo presságios. Demasiados para ser negados. *Que significa tudo isso?*, ele quis gritar.

– Meistre Cressen, temos visitantes – Pylos falou suavemente, como se estivesse relutante em perturbar as meditações solenes de Cressen. Se soubesse dos disparates que lhe enchiam a cabeça, teria gritado. – A princesa deseja ver o corvo branco.

Sempre correto, Pylos a chamava agora *princesa*, visto que o senhor seu pai era um rei. Rei de um rochedo fumegante no grande mar salgado, mas ainda assim rei.

– O bobo veio junto.

* Serpe: criatura mitológica semelhante a um dragão, mas de porte menor e mais longilíneo, com apenas duas patas. (N. E.)

O velho virou as costas à alvorada, mantendo uma mão pousada sobre a serpe a fim de se equilibrar.

– Ajude-me a chegar até a cadeira e mande-os entrar.

Tomando seu braço, Pylos o levou para dentro. Na juventude, Cressen caminhara com vigor, mas agora não estava longe do octogésimo dia do seu nome, e tinha as pernas frágeis e instáveis. Há dois anos um tombo lhe causara fratura de um lado da bacia, da qual nunca chegou a ficar curado totalmente. No ano anterior, quando tinha adoecido, a Cidadela enviara Pylos de Vila-velha, apenas dias antes de Lorde Stannis ter fechado a ilha... para ajudá-lo nas suas tarefas, tinham dito, mas Cressen sabia a verdade. Pylos viera para substituí-lo quando morresse. Não se importava. Alguém teria de ocupar seu lugar, e em menos tempo do que teria gostado...

Deixou que o homem mais novo o acomodasse atrás dos seus livros e papéis.

– Vá buscá-la. É feio deixar uma senhora esperando.

O mestre acenou, um frágil gesto de pressa de um homem que já não era capaz de se apressar. Tinha a pele enrugada e manchada, tão fina como papel, de modo que se podia ver a teia de veias e a forma dos ossos por baixo. E agora tremiam, aquelas suas mãos que tempos atrás tinham sido tão seguras e hábeis...

Quando Pylos voltou, a garota veio com ele, tímida como sempre. Atrás dela, arrastando os pés e saltitando daquele seu estranho jeito torto, veio o bobo. Trazia na cabeça uma imitação de elmo, feito de um velho balde de estanho, com um par de chifres de veado atado ao topo e decorado com guizos que a cada passo deslizante soavam, cada um num tom diferente, *clang-a-dang, bong-dong, ring-a-ling, clong-clong-clong*.

– Quem vem nos visitar tão cedo, Pylos? – Cressen perguntou.

– Sou eu e o Malhas, Mestre.

Olhos azuis sinceros piscaram na sua direção. Infelizmente, o rosto dela não era belo. A menina possuía o queixo quadrado e projetado do senhor seu pai e as infelizes orelhas da mãe, bem como uma deformação só sua, o legado do ataque de um escamagris, um tipo de crocodilo, que quase a matara quando bebê. Da metade inferior de uma bochecha até bem abaixo no pescoço, tinha a carne rígida e morta, com a pele rachada e escamando, manchada de negro e cinza, lembrando pedra ao toque.

– Pylos disse que podíamos ver o corvo branco.

– Realmente podem – respondeu Cressen. Como se alguma vez pudesse lhe negar algo. A menina tinha enfrentado negativas demais na vida. Chamava-se Shireen. Faria dez anos no próximo dia do seu nome, e era a criança mais triste que Mestre Cressen conhecera. *Sua tristeza é a minha vergonha*, pensou o velho, *outro sinal do meu fracasso*. – Mestre Pylos, faça-me a gentileza de trazer a ave do viveiro para mostrar à Senhora Shireen.

– Será um prazer.

Pylos era um jovem educado, com não mais de vinte e cinco anos, mas era solene como um homem de sessenta. Se ao menos houvesse nele mais humor, mais *vida*; era isso que fazia falta ali. Os lugares sombrios precisavam de vivacidade, não de solenidade, e Pedra do Dragão era indubitavelmente um lugar sombrio, uma cidadela solitária no deserto de água, rodeada por tempestades e sal, com a sombra fumegante da montanha às suas costas. Um mestre tinha de ir para onde era enviado, e Cressen acompanhara seu senhor havia cerca de doze anos, e bem lhe serviria. Mas nunca tinha amado Pedra do Dragão, nem se sentia verdadeiramente em casa ali. Nos últimos tempos, quando acordava de sonhos inquietos, nos quais a mulher vermelha tinha uma participação perturbadora, era frequente não saber onde estava.

O bobo virou sua cabeça manchada e malhada para observar Pylos subindo os íngremes degraus de ferro que levavam ao viveiro. Seus guizos soaram com o movimento.

– Debaixo do mar, as aves têm escamas em lugar de penas – ele disse, clangorejando. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Mesmo para um bobo, o Cara-Malhada era digno de pena. Talvez em outros tempos tivesse sido capaz de arrancar gargalhadas com uma frase de efeito, mas o mar lhe tinha roubado esse poder, juntamente com metade da imaginação e toda a memória. Mole e obeso, vítima de convulsões e tremores, era mais comum mostrar-se incoerente do que o contrário. A garota era a única que agora ria dele, a única que se importava com ele estar vivo ou morto.

Uma menininha feia e um bobo triste, e com o mestre faz três... eis uma história boa para fazer os homens chorar.

– Sente-se comigo, filha – Cressen fez-lhe sinal para se aproximar. – É cedo para vir me visitar, o dia mal amanheceu. Você deveria estar aconchegada na cama.

– Tive pesadelos – Shireen respondeu. – Com os dragões. Vinham me comer.

Cressen se lembrava de a criança sofrer com pesadelos desde muito pequena.

– Já conversamos sobre isso – ele disse com gentileza. – Os dragões não podem ganhar vida. São feitos de pedra, filha. Antigamente, nossa ilha era o posto avançado mais ocidental da grande Cidade Franca de Valíria. Foram os valirianos que ergueram esta cidadela, e eles tinham maneiras de esculpir a pedra que desde então se perderam. Um castelo tem de ter torres sempre que duas muralhas se encontrem num ângulo, para defendê-las. Os valirianos deram forma de dragões a estas torres para fazer com que sua fortaleza parecesse mais temível, tal como coroaram as muralhas com mil gárgulas, em vez de simples ameias.

O mestre tomou a pequena mão cor-de-rosa da menina na sua, manchada e frágil, e deu um apertão suave.

– Viu só? Não há nada a temer.

Shireen não estava convencida.

– Mas... E a coisa no céu? Dalla e Matrice estavam conversando perto do poço, e Dalla disse que ouviu a mulher vermelha dizer à mãe que aquilo é respiração de dragão. Se os dragões estão respirando, não quer dizer que estão ganhando vida?

A mulher vermelha, pensou amargamente Mestre Cressen. Já é ruim o bastante que tenha enchido a cabeça da mãe com as suas loucuras, terá de envenenar também os sonhos da filha? Teria uma conversa severa com Dalla, para que não ficasse espalhando essas histórias.

– A coisa no céu é um cometa, minha doce menina. Uma estrela com uma cauda, perdida nos céus. Desaparecerá em breve, para não voltar a ser vista enquanto estivermos vivos. Espere e verá.

Shireen fez um pequeno, mas corajoso aceno com a cabeça.

– A mãe diz que o corvo branco quer dizer que já não é verão.

– É verdade, senhora. Os corvos brancos só voam da Cidadela.

Os dedos de Cressen alcançaram a corrente que rodeava seu pescoço; cada um de seus elos havia sido forjado com um metal diferente, cada um simbolizando o seu domínio de mais um ramo do conhecimento; o colar de mestre, a marca da sua ordem. No orgulho da juventude, usara-o com facilidade, mas agora parecia-lhe pesado, e o metal era frio no contato com sua pele.

– São maiores do que os outros corvos, mais inteligentes, e criados apenas para transportar as mensagens mais importantes. Este veio nos dizer que o Conclave se reuniu, avaliou os relatórios e as medições feitas pelos mestres de todo o reino e declarou que este longo verão finalmente terminou. Durou dez anos, duas rotações e dezesseis dias, o mais longo verão já registrado.

– Agora vai ficar frio?

Shireen era uma criança do verão, e nunca tinha experimentado o verdadeiro frio.

– A seu tempo – Cressen respondeu. – Se os deuses forem bondosos, oferecerão um Outono quente e colheitas abundantes para que possamos nos preparar para o inverno que virá depois – o povo dizia que um verão longo significava um inverno ainda mais longo, mas o mestre não tinha por que assustar a criança com histórias como essa.

Cara-Malhada fez soar seus guizos.

– É *sempre* verão debaixo do mar – entouu. – As sereias casadas usam enfeites no cabelo e cosem vestidos de algas prateadas. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Shireen soltou um risinho.

– Eu gostaria de ter um vestido de algas prateadas.

– Debaixo do mar, neva para cima – disse o bobo –, e a chuva é seca como um osso. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

– Vai mesmo nevar? – ela perguntou.

– Vai – Cressen confirmou. *Mas espero que ainda demore anos, e que não neve por muito tempo.*

– Ah, ali vem Pylos com a ave.

Shireen soltou um grito de alegria. Até Cressen tinha de admitir que a ave era impressionante, branca como a neve e maior do que qualquer falcão, com os brilhantes olhos negros que significavam não se tratar de uma ave albina, mas sim de um corvo branco puro-sangue da Cidadela.

– Aqui – chamou o mestre. O corvo abriu as asas, deu um salto e bateu-as ruidosamente pela sala até pousar na mesa ao lado dele.

– Vou agora tratar do seu café da manhã – Pylos anunciou, e Cressen anuiu com a cabeça.

– Esta é a Senhora Shireen – disse ao corvo. A ave balançou a cabeça para cima e para baixo, como se a estivesse reverenciando. “*Senhora*”, crocitou. “*Senhora*.”

A criança ficou de queixo caído.

– Ele *fala!*

– Algumas palavras. Como eu disse, estas aves são espertas.

– Ave esperta, homem esperto, bobo esperto, esperto – cantarolou Cara-Malhada com uma voz desagradável. – Oh, bobo esperto, esperto, esperto – e começou a cantar: – *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* – cantou, saltitando de um pé para outro. – *As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor.*

Inclinava a cabeça a cada palavra, fazendo ressoar os guizos presos aos chifres.

O corvo branco soltou um grito e voou para longe, indo empoleirar-se no corrimão de ferro das escadas do viveiro. Shireen pareceu encolher-se.

– Ele canta isso o tempo todo. Disse-lhe para parar, mas ele não para. Ele me assusta. Faça-o parar.

E como faço isso?, perguntou-se o velho. *Em outros tempos poderia tê-lo silenciado para sempre, mas agora...*

Cara-Malhada chegara até eles ainda jovem. Lorde Steffon, de boa lembrança, encontrara-o em Volantis, do outro lado do mar estreito. O rei, o antigo rei, Aerys II Targaryen, que não era tão louco assim naqueles tempos, enviara sua senhoria em busca de uma noiva para o Príncipe Rhaegar, que não tinha irmãs com quem casar. “Encontramos o mais magnífico dos bobos”, escrevera a Cressen, uma quinzena antes da hora de regressar da infrutífera missão. “É ainda jovem, mas ágil como um macaco, e espirituoso como uma dúzia de cortesãos. Sabe malabarismo,

adivinhas e magia, e é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas. Compramos a sua liberdade e esperamos trazê-lo conosco para casa. Robert vai adorá-lo; com o tempo, o bobo talvez até consiga ensinar Stannis a rir.”

Recordar aquela carta enchia Cressen de tristeza. Ninguém conseguira ensinar Stannis a rir, muito menos o jovem Cara-Malhada. A tempestade chegara de repente, uivando, e a Baía dos Naufrágios provara a verdade do seu nome. A galé de dois mastros do senhor, *Orgulho do Vento*, quebrara-se à vista do castelo. Das varandas, os dois filhos mais velhos tinham observado o navio do pai ser esmagado de encontro aos rochedos e engolido pelas águas. Uma centena de remadores e marinheiros afundaram com Lorde Steffon Baratheon e a senhora sua esposa, e ao longo de vários dias cada maré deixava uma nova colheita de cadáveres inchados na costa de Ponta Tempestade.

O rapaz chegara à costa no terceiro dia. Mestre Cressen tinha descido com os outros, a fim de ajudar a reconhecer os mortos. Quando encontraram o bobo, estava nu, com a pele branca, enrugada e cheia de areia molhada. Cressen julgou que se tratava de mais um cadáver, mas, quando Jommy o agarrou pelos tornozelos a fim de arrastá-lo para o carro fúnebre, o rapaz tossiu água e se sentou. Até o dia da sua morte, Jommy jurou que a pele de Cara-Malhada estava fria e pegajosa.

Ninguém jamais conseguiu explicar aqueles dois dias que o bobo passou perdido no mar. Os pescadores gostavam de dizer que uma sereia havia lhe ensinado a respirar água em troca de seu sêmen. O próprio Cara-Malhada nada disse. O jovem espirituoso e inteligente nunca chegou a Ponta Tempestade; o rapaz que encontraram era outra pessoa, quebrado de corpo e de mente, quase incapaz de falar, muito menos de agradecer. Mas sua cara de bobo não deixava dúvidas sobre quem era. Era costume da Cidade Livre de Volantis tatuar o rosto dos escravos e dos servos; do pescoço ao couro cabeludo, a pele do rapaz tinha sido marcada com quadrados vermelhos e verdes.

– O desgraçado está louco, e com dores, e não presta para ninguém, nem para si mesmo – tinha declarado o velho Sor Harbert, naqueles tempos castelão de Ponta Tempestade. – A coisa mais bondosa que se pode fazer com esse tipo é encher sua taça com o leite da papoula. Um sono sem dor, e acaba tudo. Ele iria abençoá-lo se tivesse esperteza para isso.

Mas Cressen se recusou e acabou vencendo. Não saberia dizer se Cara-Malhada tinha sido feliz com essa vitória, nem mesmo agora, tantos anos depois.

– *As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor* – continuou o bobo a cantar, balançando a cabeça e fazendo os guizos ressoar. *Bong-dong, ring-a-ling, bong-dong.*

“*Senhor*”, guinchou o corvo branco. “*Senhor, senhor, senhor.*”

– Um bobo canta o que quer – disse o mestre à sua ansiosa princesa. – Não deve levar suas palavras a sério. De manhã, ele poderá se lembrar de outra canção, e esta nunca mais será ouvida.

“Ele é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas”, escrevera Lorde Steffon...

Pylos entrou a passos largos:

– Mestre, as minhas desculpas.

– Você se esqueceu do mingau – Cressen completou, rindo. Aquilo não era do feitio de Pylos.

– Mestre, Sor Davos regressou ontem à noite. Estavam falando disso na cozinha. Achei que gostaria de saber de imediato.

– Davos... Ontem à noite, você diz? Onde está ele?

– Com o rei. Passaram juntos a maior parte da noite.

Em tempos passados, Lorde Stannis teria mandado acordá-lo a qualquer hora, para tê-lo junto a si, a fim de aconselhá-lo.

– Eu devia ter sido informado – queixou-se Cressen. – Devia ter sido acordado – desprendeu seus dedos dos de Shireen: – As minhas desculpas, senhora, mas tenho de falar com o senhor seu pai. Pylos, dê-me o braço. Há degraus demais neste castelo, e parece-me que acrescentam uns tantos todas as noites, só para me aborrecer.

Shireen e Cara-Malhada seguiram-nos, mas a menina rapidamente se cansou do passo rasante do velho e correu na frente, com o bobo a balançar atrás dela, fazendo os guizos tinar loucamente.

Enquanto descia a escada em espiral da Torre do Dragão Marinho, Cressen percebeu, mais uma vez, que os castelos não são lugares amigáveis para homens frágeis. Lorde Stannis deveria estar na Sala da Mesa Pintada, no topo do Tambor de Pedra, a fortaleza central de Pedra do Dragão, assim chamada devido ao modo como suas paredes antigas estrondeavam e ressoavam durante as tempestades. Para chegar até ele, teria de cruzar a galeria, atravessar as muralhas intermediária e interna, com as suas gárgulas de guarda e portões de ferro negro, e subir mais degraus do que queria imaginar. Os jovens subiam degraus de dois em dois; para velhos com quadris em mau estado, cada degrau era um tormento. Mas Lorde Stannis não pensaria em encontrá-lo; então, o mestre resignava-se à provação. Pelo menos tinha Pylos para ajudá-lo, e sentia-se grato por isso.

Arrastando os pés ao longo da galeria, passaram na frente de uma fileira de altas janelas arqueadas com uma vista privilegiada sobre a muralha exterior e a aldeia de pescadores, que se erguia mais adiante. No pátio, arqueiros disparavam contra alvos de treino aos gritos de “Encaixar, puxar, largar”. As flechas faziam um som que era como o de um bando de pássaros levantando voo. Guardas caminhavam sobre as muralhas, espreitando, por entre as gárgulas, a tropa acampada lá fora. O ar da manhã estava enevoado com a fumaça de fogueiras para cozinhar, num momento em que três mil homens se sentavam para quebrar o jejum sob os estandartes dos seus senhores. Para lá do acampamento, o ancoradouro encontrava-se repleto de navios. Nenhuma embarcação que tivesse sido avistada da Pedra do Dragão ao longo do último semestre fora autorizada a partir de novo. A *Fúria* de Lorde Stannis, uma galé de guerra com três conveses e trezentos remos, quase parecia pequena ao lado de alguns dos galeões e pesqueiros de casco largo que a rodeavam.

Os guardas à porta do Tambor de Pedra conheciam o mestre e o deixaram entrar.

– Espere aqui – disse Cressen a Pylos, já dentro da sala. – É melhor que eu fale com ele a sós.

– É uma longa subida, mestre.

Cressen sorriu:

– Pensa que me esqueci? Subi tantas vezes estes degraus que conheço cada um pelo nome.

No meio da subida, arrependeu-se da decisão. Tinha parado, para recuperar o fôlego e aliviar a dor na bacia, quando ouviu o raspar de botas na pedra e ficou cara a cara com Sor Davos Seaworth, que descia.

Davos era um homem franzino; a origem plebeia estava escrita em seu rosto comum. Um manto verde puído, manchado de sal e maresia, e desbotado pelo sol, envolvia seus ombros estreitos, por cima de um gibão e uns calções castanhos que combinavam com os cabelos e olhos da mesma cor. Uma bolsa de couro gasto pendia de uma correia passada em volta do pescoço. Sua barba curta estava bem salpicada de cinza, e usava uma luva de couro na mão esquerda mutilada. Quando viu Cressen, interrompeu a descida.

– Sor Davos – cumprimentou-o o meistre. – Quando retornou?

– Na escuridão da madrugada. A minha hora preferida.

Dizia-se que ninguém jamais manobrou um navio de noite com metade da destreza de Davos Mão-Curta. Antes de Lorde Stannis tê-lo armado cavaleiro, Sor Davos era o mais notório e esquivo contrabandista de todos os Sete Reinos.

– E?

O homem balançou a cabeça.

– É como o preveni. Não se levantarão, Meistre. Por ele, não. Não gostam dele.

Não, pensou Cressen. Nem nunca gostarão. Ele é forte, capaz, mesmo... sim, mesmo para além da sabedoria... Mas não basta. Nunca bastou.

– Falou com todos?

– Todos? Não. Só os que quiseram se encontrar comigo. Aqueles bem-nascidos também não gostam de mim. Para eles serei sempre o Cavaleiro das Cebolas.

A mão esquerda fechou-se, com os dedos curtos formando um punho; Stannis cortara suas pontas, exceto a do polegar.

– Dividi a mesa com Guilan Swann e o velho Penrose, e os Tarth consentiram num encontro à meia-noite num bosque. Os outros... Bem, Beric Dondarrion desapareceu, alguns dizem que está morto, e Lorde Caron está com Renly. Bryce, o Laranja, da Guarda Arco-Íris.

– A Guarda Arco-Íris?

– Renly criou sua própria Guarda Real – explicou o ex-contrabandista –, mas esses sete não usam o branco. Cada um tem a sua cor. Loras Tyrell é o seu Senhor Comandante.

Era justamente o tipo de ideia que atrairia Renly Baratheon; uma magnífica nova ordem de cavalaria, com maravilhosos novos trajes para proclamá-la. Ainda quando garoto, Renly já adorava cores brilhantes e tecidos belos, e também os seus jogos. “Olhem para mim!”, ele gritava enquanto corria às gargalhadas pelos salões de Ponta Tempestade. “Olhem, sou um dragão”, ou “Olhem, sou um feiticeiro”, ou “Olhem, olhem, sou o deus das chuvas”.

O ousado rapazinho com cabelo negro bagunçado e risada nos olhos era agora um marmanjo, com vinte e um anos, e ainda jogava seus jogos. *Olhem, sou um rei*, pensou Cressen tristemente. *Ah, Renly, Renly, querido filho, sabe o que está fazendo? E se importaria se soubesse? Haverá alguém que se preocupe com ele além de mim?*

– Que motivos deram os senhores para as recusas? – perguntou a Sor Davos.

– Bem, quanto a isso, alguns usaram palavras suaves, e outros, rudes; alguns arranjaram desculpas, outros fizeram promessas; outros limitaram-se a mentir – e encolheu os ombros. – No fim das contas, as palavras não passam de vento.

– Não poderia lhe trazer alguma esperança?

– Só do tipo falso, e eu não faria isso – Davos respondeu. – De mim, ouviu a verdade.

Meistre Cressen recordou o dia em que Davos fora feito cavaleiro, depois do cerco a Ponta Tempestade. Lorde Stannis e uma pequena guarnição defenderam o castelo durante quase um ano contra a grande tropa dos senhores Tyrell e Redwyne. Até o mar lhes estava bloqueado, vigiado noite e dia por galés dos Redwyne, que ostentavam as bandeiras bordô da Árvore. Dentro de Ponta Tempestade, os cavalos há muito tinham sido comidos, os cães e os gatos desaparecido, e a guarnição, limitada a raízes e ratazanas. Então, chegou uma noite em que a lua era nova e nuvens negras escondiam as estrelas. Envolto nessa escuridão, Davos, o contrabandista, desafiou o bloqueio Redwyne e os rochedos da Baía dos Naufrágios. Seu pequeno navio tinha casco, velas e remos negros e um porão apinhado de cebolas e peixe salgado. Era pouco, mas manteve a

guarnição viva durante tempo suficiente para que Eddard Stark chegasse a Ponta Tempestade e quebrasse o cerco.

Lorde Stannis recompensou Davos com terras de boa qualidade em Cabo da Fúria, uma pequena fortaleza e o título de cavaleiro... Mas também decretou que perdesse uma falange de todos os dedos da mão esquerda, a fim de pagar por todos seus anos de contrabando. Davos aceitou se submeter, com a condição de que o próprio Stannis manejasse a faca; não aceitaria nenhuma punição vinda de mãos menores. O senhor usou um cutelo de açougueiro, a fim de fazer um corte limpo e completo. Depois, Davos escolheu o nome Seaworth para sua nova casa, e tomou como estandarte um navio negro em fundo cinza-claro... com uma cebola desenhada nas velas. O antigo contrabandista gostava de dizer que Lorde Stannis lhe fizera um favor, dando-lhe quatro unhas a menos para cortar e limpar.

Não, pensou Cressen, um homem assim não daria falsas esperanças, nem suavizaria uma verdade dura.

– Sor Davos, a verdade pode ser uma bebida amarga, mesmo para um homem como Lorde Stannis. Ele só pensa em retornar a Porto Real investido de todo o seu poder, a fim de derrubar os inimigos e reclamar o que é seu de direito. Mas agora...

– Se levar sua tropa minguada para Porto Real, será apenas para morrer. Não tem homens em número suficiente. Disse-lhe isso, mas conhece o orgulho dele – Davos ergueu a mão enluvada. – Meus dedos voltarão a crescer antes que aquele homem se vergue ao bom-senso.

O velho soltou um suspiro:

– O senhor fez tudo o que podia. Agora devo somar a minha voz à sua – e, fatigadamente, retomou a subida.

O refúgio de Lorde Stannis Baratheon era uma grande sala redonda com paredes de pedra negra nua e quatro janelas altas e estreitas, que se abriam para as quatro pontas da bússola. No centro do aposento encontrava-se a grande mesa que lhe dava o nome, uma enorme prancha de madeira esculpida às ordens de Aegon Targaryen nos dias anteriores à Conquista. A Mesa Pintada tinha mais de quinze metros de comprimento, talvez metade dessa medida no ponto mais largo, mas menos de um metro e vinte no mais estreito. Os carpinteiros de Aegon tinham lhe dado a forma das terras de Westeros, serrando cada baía e península até que em nenhuma parte a mesa estivesse reta. Na sua superfície, escurecida pelo verniz de quase trezentos anos, estavam pintados os Sete Reinos tal como tinham sido na época de Aegon; rios e montanhas, castelos e cidades, lagos e florestas.

Havia uma única cadeira na sala, cuidadosamente posicionada no local preciso que Pedra do Dragão ocupava em relação à costa de Westeros, e levantada a fim de fornecer uma boa visão do tampo da mesa. Sentado na cadeira encontrava-se um homem vestido com um gibão de couro bem apertado e calções de grosseira lã marrom. Quando Mestre Cressen entrou, o lorde olhou de relance para cima.

– Eu sabia que *you* viria, velho, fosse convocado ou não – não havia sinal de calor na sua voz; raramente havia.

Stannis Baratheon, Senhor de Pedra do Dragão e pela graça dos deuses o legítimo herdeiro do Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros, tinha ombros largos e membros fortes, com o rosto e a pele tão tensos que lembravam couro curado ao sol até ficar duro como aço. A palavra que os homens usavam quando falavam de Stannis era *duro*, e ele de fato o era. Embora ainda não tivesse trinta e cinco anos, só lhe restava na cabeça uma orla de fino cabelo negro, rodeando a parte de trás das orelhas como a sombra de uma coroa. Seu irmão, o falecido Rei Robert, tinha deixado

crescer uma barba nos seus últimos anos. Mestre Cressen nunca a vira, mas dizia-se que era uma coisa emaranhada, espessa e feroz. Como que em resposta, Stannis mantinha suas suíças bem aparadas. Espalhavam-se como uma sombra negro-azulada pelo maxilar quadrado e pelas bochechas secas e ossudas. Seus olhos eram feridas abertas sob as pesadas sobrancelhas, de um azul tão escuro como o do mar à noite. A boca teria levado ao desespero o mais bufão dos bobos; era uma boca feita para ser franzida e apertada, e para ordens ríspidas, toda ela lábios finos e pálidos e músculos contraídos, uma boca que tinha se esquecido de como se sorria e que nunca soube como era rir. Por vezes, quando o mundo ficava muito quieto e silencioso de noite, Mestre Cressen imaginava que conseguia ouvir Lorde Stannis rangendo os dentes a meio castelo de distância.

– Em outros tempos o senhor teria mandado me acordar – disse o velho.

– Em outros tempos o mestre foi novo. Agora é velho e doente e precisa dormir – Stannis nunca aprendera a suavizar o discurso, disfarçar ou lisonjear; dizia o que pensava, e quem não gostasse que se danasse. – Eu sabia que você descobriria em breve o que Davos tinha a dizer. É sempre assim, não é?

– Eu não lhe teria nenhuma utilidade se assim não fosse – Cressen respondeu. – Encontrei Davos na escada.

– E ele contou tudo, suponho. Devia ter encurtado a língua do homem junto com os dedos.

– Assim teria sido um enviado inútil.

– De qualquer forma foi um enviado inútil. Os senhores da tempestade não se levantarão por mim. Parece que não simpatizam comigo, e a justiça da minha causa não significa nada para eles. Os covardes ficarão quietos atrás das suas muralhas, esperando ver como se ergue o vento e quem tem mais chances de triunfar. Os corajosos já se declararam por Renly. Por *Renly!* – cuspiu o nome como se fosse veneno que tivesse na língua.

– Seu irmão tem sido senhor de Ponta Tempestade ao longo destes últimos treze anos. Esses senhores são vassalos juramentados dele...

– *Dele* – interrompeu Stannis. – Quando de direito deveriam ser meus. Nunca pedi Pedra do Dragão. Nunca quis este castelo. Tomei-o porque os inimigos de Robert estavam aqui, e ele me ordenou que os escorraçasse. Construí sua frota e fiz o seu trabalho, obediente como um irmão mais novo deve ser a um mais velho, como Renly devia ser a mim. E como Robert me agradeceu? Nomeou-me Senhor de Pedra do Dragão e deu Ponta Tempestade e seus rendimentos a *Renly*. Ponta Tempestade pertenceu à Casa Baratheon durante trezentos anos; de direito devia ter passado para mim quando Robert tomou o Trono de Ferro.

Era uma velha ofensa, profundamente sentida, e nunca antes tanto como agora. Ali estava o cerne da fraqueza do seu senhor; Pedra do Dragão, embora antiga e forte, detinha a lealdade de apenas um punhado de pequenos senhores, cujos domínios pedregosos e insulares tinham uma população escassa demais para fornecer os homens de que Stannis necessitava. Mesmo com os mercenários que trouxera do outro lado do mar estreito, das Cidades Livres de Myr e Lys, a hoste acampada junto às suas muralhas era muito menor do que necessitava ser para derrubar o poderio da Casa Lannister.

– Robert foi injusto com o senhor – respondeu cuidadosamente Mestre Cressen –, mas tinha bons motivos. Pedra do Dragão era há muito a sede da Casa Targaryen. Ele precisava da força de um homem para governar aqui, e Renly era apenas uma criança.

– Ele ainda é uma criança – declarou Stannis, com a ira ressoando alto no salão vazio –, uma criança ladra que pensa em surrupiar a coroa da minha cabeça. Que fez Renly para ganhar um trono? Senta-se no conselho e troca gracejos com Mindinho, e nos torneios enverga sua

magnífica armadura e permite que um homem melhor o derrube do cavalo. Meu irmão Renly é isto, o meu irmão que pensa que deveria ser um rei. Pergunto-lhe, por que os deuses me puniram com *irmãos*?

– Não posso responder pelos deuses.

– Pois me parece que hoje em dia é raro que responda a qualquer coisa. Quem é o mestre de Renly? Talvez deva mandar buscá-lo, talvez eu venha a gostar mais dos seus conselhos. Que acha que esse mestre disse quando meu irmão decidiu roubar minha coroa? Que conselho terá o seu colega oferecido àquele traiçoeiro sangue do meu sangue?

– Eu ficaria surpreso se Lorde Renly procurasse conselhos, Vossa Graça.

O mais novo dos três filhos de Lorde Steffon havia se tornado um homem corajoso, mas impetuoso, que agia por impulso, e não por cálculo. Nisso, tal como em muitas outras coisas, Renly era como o irmão Robert, e completamente diferente de Stannis.

– *Vossa Graça* – Stannis rebateu amargamente. – Zomba de mim com o tratamento devido a um rei, mas sou rei de quê? Pedra do Dragão e um punhado de rochedos no mar estreito, eis o meu reino.

Desceu os degraus da cadeira e parou junto da mesa, fazendo sombra sobre a foz da Torrente de Água Negra e sobre a floresta pintada onde agora se erguia Porto Real. Ficou ali, pairando sobre o território que pretendia reclamar, tão perto, e no entanto tão longe.

– Esta noite devo jantar com os senhores meus vassalos, aqueles que tenho. Celtigar, Velaryon, Bar Emmon, todo o insignificante bando. Colheita fraca, pra dizer a verdade, mas são aquilo que meus irmãos me deixaram. Aquele pirata liseno, Salladhor Saan, estará lá com a fatura mais recente do que lhe devo, e Morosh, o mirano, vai me advertir com histórias sobre marés e ventanias de Outono, enquanto Lorde Sunglass resmunga piedosamente sobre a Fé dos Sete. Celtigar querera saber quantos dos senhores da tempestade irão se juntar a nós. Velaryon ameaçará levar seus recrutas para casa a menos que atacemos de imediato. Que hei de dizer a eles? Que devo fazer agora?

– Seus verdadeiros inimigos são os Lannister, senhor – foi a resposta de Mestre Cressen. – Se você e seu irmão se unissem contra eles...

– Não negociarei com Renly – respondeu Stannis num tom que não admitia discussão. – Pelo menos enquanto ele se disser rei.

– Nesse caso, com Renly não – cedeu o mestre. Seu senhor era teimoso e orgulhoso; quando se decidia por alguma coisa, não havia jeito de fazê-lo mudar de ideia. – Outros poderão também servir às suas necessidades. O filho de Eddard Stark foi proclamado Rei no Norte e conta com todo o poderio de Winterfell e Correrrio.

– Um jovenzinho verde – Stannis ironizou. – E outro falso rei. Devo aceitar um reino mutilado?

– Certamente metade de um reino é melhor do que nada – Cressen observou. – E se ajudar o rapaz a vingar o assassinato do pai...

– Por que eu deveria vingar Eddard Stark? O homem não era nada para mim. Ah, *Robert* adorava-o, com certeza. Adorava-o como a um irmão, quantas vezes ouvi isso? *Eu* é que era o irmão dele, não Ned Stark, mas, pela maneira como me tratava, nunca ninguém adivinharia. Defendi Ponta Tempestade em seu nome, vendo bons homens passar fome, enquanto Mace Tyrell e Paxter Redwyne se banquetavam à vista das minhas muralhas. E por acaso Robert me agradeceu? Não. Agradeceu ao *Stark*, por romper o cerco quando estávamos reduzidos a ratazanas e rabanetes. Construí uma frota às ordens de Robert, tomei Pedra do Dragão em seu nome. Por

acaso ele pegou minha mão e disse “Muito bem, irmão, o que eu faria sem você?” Não. Culpou-me por ter deixado que Willem Derry raptasse Viserys e o bebê, como se eu tivesse podido impedi-lo. Fiz parte de seu conselho durante quinze anos, ajudando Jon Arryn a governar o reino, enquanto Robert bebia e visitava prostitutas, mas, quando Jon morreu, será que meu irmão me nomeou sua Mão? Não. Partiu a galope atrás do seu querido amigo Ned Stark e lhe ofereceu essa honra. Que de pouco valeu para ambos.

– Seja como for, senhor – Mestre Cressen disse gentilmente. – Grandes injustiças foram cometidas contra você, mas o passado é poeira. O futuro ainda pode ser conquistado, caso se junte aos Stark. Há outros que também poderia sondar. E a Senhora Arryn? Se a rainha assassinou seu marido, ela certamente desejará obter justiça. Tem um filho novo, herdeiro de Jon Arryn. Se promettesse Shireen ao rapaz...

– O rapaz é fraco e doente – retrucou Lorde Stannis. – Mesmo seu pai sabia como ele era quando me pediu para criá-lo em Pedra do Dragão. O serviço como escudeiro poderia ter-lhe feito bem, mas aquela maldita Lannister mandou envenenar Lorde Arryn antes de o trato ser fechado, e agora Lysa esconde-o no Ninho da Águia. Nunca se separará do rapaz, garanto.

– Então, terá de enviar Shireen para o Ninho da Águia – sugeriu o mestre. – Pedra do Dragão é um lar lúgubre para uma criança. Deixe que o bobo vá com ela, para que tenha por perto um rosto familiar.

– Familiar e medonho – Stannis franziu a testa enquanto refletia. – Mesmo assim... Talvez valha a pena tentar...

– Deverá o senhor de direito dos Sete Reinos suplicar a ajuda de viúvas e usurpadores? – perguntou rispidamente uma voz de mulher.

Mestre Cressen virou-se e inclinou a cabeça.

– Minha senhora – disse, desgostoso por não tê-la ouvido entrar.

Lorde Stannis carregou o olhar.

– Eu não suplico. De ninguém. Tente se lembrar disso, mulher.

– Agrada-me ouvir isso, senhor.

A Senhora Selyse era tão alta como o marido, com corpo e feição magros, orelhas proeminentes, o nariz afilado e a mais leve sugestão de um bigode sobre o lábio superior. Arrancava os pelos todos os dias e os amaldiçoava regularmente, mas eles nunca deixavam de voltar. Seus olhos eram claros; a boca, severa; a voz, um chicote. Agora, fazia-o estalar.

– A Senhora Arryn deve-lhe lealdade, tal como os Stark, seu irmão Renly e todos os outros. O senhor é o verdadeiro rei deles. Não seria adequado argumentar e negociar com eles aquilo que é seu por direito, pela graça de Deus.

Deus, ela disse, e não *deuses*. A mulher vermelha tinha conquistado Selyse de alma e coração, afastando-a dos deuses dos Sete Reinos, tanto os velhos como os novos, para que adorasse aquele a quem chamavam Senhor da Luz.

– Seu deus pode ficar com a sua graça – Lorde Stannis desdenhou; não partilhava a fervorosa nova fé da mulher. – É de espadas que preciso, não de bênçãos. Teria escondido em algum lugar um exército de que não me falou antes?

Não havia afeto no seu tom de voz. Stannis sempre se sentira desconfortável junto das mulheres, até mesmo da sua própria esposa. Quando partiu para Porto Real a fim de integrar o conselho de Robert, deixou Selyse em Pedra do Dragão com a filha. As cartas tinham sido escassas, as visitas mais ainda; cumpria seu dever de marido na cama uma ou duas vezes por ano, mas não retirava disso nenhum prazer, e os filhos homens que no passado esperara nunca vieram.

– Meus irmãos, tios e primos têm exércitos – ela disse. – A Casa Florent vai se juntar à sua bandeira.

– A Casa Florent pode pôr em campo, no máximo, duas mil espadas – dizia-se que Stannis conhecia a força de cada casa dos Sete Reinos –, e você tem bem mais fé nos seus irmãos e tios do que eu, minha senhora. As terras dos Florent ficam próximas demais de Jardim de Cima para que o senhor seu tio se arrisque a despertar a ira de Mace Tyrell.

– Há outra forma – disse a Senhora Selyse, aproximando-se. – Olhe pelas suas janelas, senhor. Ali está o sinal que esperava, estampado no céu. É vermelho, o vermelho da chama, o vermelho do coração flamejante do verdadeiro deus. É o estandarte *dele...* e o seu! Veja como se desenrola pelos céus como o sopro quente de um dragão, e você é Senhor de Pedra do Dragão. Significa que a sua hora chegou, Vossa Graça. Nada é mais certo do que isso. Está destinado a zarpar deste rochedo desolado como Aegon, o Conquistador, zarpou um dia, para varrer todos à sua frente como ele o fez. Basta dizer a palavra e acolher o poder do Senhor da Luz.

– Quantas espadas porá o Senhor da Luz nas minhas mãos? – Stannis a desafiou novamente.

– Quantas forem necessárias – prometeu a mulher. – As espadas de Ponta Tempestade e de Jardim de Cima, para começar, e de todos os senhores seus vassalos.

– Davos discordaria – Stannis retrucou. – Essas espadas estão juramentadas a Renly. Adoram o meu encantador e jovem irmão, como anteriormente adoravam Robert... e como nunca me adoraram.

– Sim – ela respondeu. – Mas, e se Renly morresse...

Stannis olhou sua senhora estreitando os olhos, até que Cressen não conseguiu dominar a língua.

– Não se deve pensar em tal coisa. Vossa Graça, sejam quais forem as loucuras que Renly cometeu...

– *Loucuras?* Eu chamo de traições – então, Stannis voltou-se para a mulher. – Meu irmão é jovem e forte e tem um vasto exército ao seu redor, e aqueles seus cavaleiros do arco-íris.

– Melisandre estudou as chamas e o viu morto.

Cressen ficou horrorizado.

– Fratricídio... Senhor, isso é uma *maldade*, impensável... Por favor, escute-me.

A Senhora Selyse olhou-o fixamente.

– E o que lhe diria, Mestre? Como ele poderá conquistar metade de um reino se for até os Stark de joelhos e vender nossa filha a Lysa Arryn?

– Já ouvi os seus conselhos, Cressen – Lorde Stannis os interrompeu. – Agora ouvirei os dela. Está dispensado.

Mestre Cressen dobrou o joelho rígido. Conseguia sentir os olhos da Senhora Selyse nas suas costas enquanto se arrastava lentamente até a saída da sala. Quando chegou ao fim da escada, só com muito esforço conseguia se manter em pé.

– Ajude-me – pediu a Pylos.

Depois de estar de novo a salvo nos seus aposentos, Cressen mandou o jovem embora e coxeou até a varanda novamente, para observar o mar junto de suas gárgulas. Um dos navios de guerra de Salladhor Saan passava pelo castelo, com o casco pintado com cores alegres, abrindo as águas cinza-esverdeadas enquanto os remos subiam e desciam. Ficou olhando-o até que desapareceu atrás de um promontório. *Gostaria que os meus temores desaparecessem assim tão facilmente.* Teria vivido tanto tempo para isso?

Quando um mestre colocava seu colar, punha de lado a esperança de ter filhos; apesar disso, Cressen sentira-se frequentemente como um pai. Robert, Stannis, Renly... Três filhos que acabou educando depois de o mar em fúria ter reclamado Lorde Steffon para si. Teria feito um trabalho tão ruim, para agora ser forçado a ver um deles matar o outro? Não poderia permitir isso, não permitiria isso.

A mulher era a chave. Não a Senhora Selyse, a *outra*. A mulher vermelha, como os criados a apelidaram, com medo de dizer seu nome.

– Eu direi seu nome – disse Cressen ao seu mastim do inferno de pedra. – Melisandre. *Ela*.

Melisandre de Asshai, feiticeira, umbromante e sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra. Melisandre, cuja loucura não se podia deixar espalhar para lá de Pedra do Dragão.

Os aposentos pareciam sombrios e lúgubres depois do brilho da manhã. Com mãos desajeitadas, o velho acendeu uma vela e a levou para a sala de trabalho sob a escada do viveiro, onde seus unguentos, poções e medicamentos estavam bem-organizados nas estantes. Na prateleira de baixo, atrás de uma fileira de bálsamos guardados em atarracadas vasilhas de barro, encontrou um frasco de vidro anil que não era maior do que seu dedo mindinho. Chocalhava quando o balançava. Cressen soprou uma camada de pó e o levou para a mesa. Deixando-se cair na cadeira, tirou a rolha do vidro e despejou o conteúdo do frasco. Um punhado de cristais, de tamanho próximo ao de sementes, tamborilou no pergaminho que ele acabara de ler. Brillavam como joias à luz da vela, tão purpúreos que o mestre pensou jamais ter realmente visto aquela cor antes.

A corrente em torno do pescoço parecia-lhe muito pesada. Tocou ligeiramente em um dos cristais com a ponta do mindinho. *Que coisa pequena para conter o poder da vida e da morte*. Era feito de uma certa planta que crescia apenas nas ilhas do Mar de Jade, a meio mundo de distância. As folhas tinham de ser envelhecidas e embebidas numa loção de visgo, água de açúcar e certas especiarias raras vindas das Ilhas do Verão. Depois, podiam ser descartadas, mas a poção tinha de ser engrossada com cinzas e deixada cristalizar. O processo era lento e trabalhoso, e os ingredientes, caros e difíceis de adquirir. Mas os alquimistas de Lys conheciam-no, bem como os Homens Sem Cara de Bravos... E os mestres da sua ordem, apesar de não se tocar nesse assunto para lá das muralhas da Cidadela. O mundo inteiro sabia que um mestre forjava seu elo de prata quando aprendia a arte de curar... Mas o mundo preferia esquecer que os homens encarregados de curar também sabiam matar.

Cressen já não se lembrava do nome que os Asshai'i davam à folha, ou os envenenadores de Lys ao cristal. Na Cidadela, era simplesmente chamado "o estrangulador". Dissolvido em vinho, fazia os músculos da garganta de um homem se fechar com mais força do que qualquer punho, obstruindo a traqueia. Dizia-se que o rosto da vítima ficava tão roxo como a pequena semente de cristal de onde tinha nascido sua morte, mas o mesmo acontecia com um homem que sufocasse com uma garfada de comida.

Naquela mesma noite, Lorde Stannis iria oferecer um banquete aos seus vassallos, à senhora sua esposa... E à mulher vermelha, Melisandre de Asshai.

Tenho de descansar, disse Mestre Cressen para si mesmo. *Tenho de estar na posse de todas as minhas forças quando a noite chegar. Minhas mãos não podem tremer, minha coragem não pode fraquejar. É uma coisa horrível, mas tem de ser feita. Se existirem deuses, certamente me perdoarão*. Andava dormindo tão mal ultimamente, que uma soneca seria restauradora para a provação que o esperava. Exausto, cambaleou até a cama. Porém, quando fechou os olhos, ainda conseguia ver a luz do cometa, vermelha, foga e vívida por entre a escuridão dos seus sonhos. *Talvez seja o meu*

cometa, pensou, por fim, sonolentemente, momentos antes de ser tomado pelo sono. *Um presságio de sangue, predizendo o homicídio... sim...*

Quando acordou, era noite fechada, o quarto estava negro, e cada articulação do seu corpo doía. Cressen sentou-se com esforço, sentindo a cabeça latejar. Agarrando a bengala com força, pôs-se em pé, cambaleante. *É tão tarde*, pensou. *Não me chamaram*. Era sempre chamado para os banquetes, e sentava-se perto do sal, ao lado de Lorde Stannis. O rosto do seu senhor oscilou na sua frente, não o do homem que era, mas o do jovem que havia sido, sempre no frio da sombra, enquanto o sol jorrava sobre o irmão mais velho. Fizesse o que fizesse, Robert havia feito primeiro, e melhor. Pobre rapaz... Tinha de se apressar, para o bem *dele*.

O mestre encontrou os cristais onde os tinha deixado e os recolheu de cima do pergaminho. Cressen não tinha anéis ociosos, daqueles que se dizia que os envenenadores de Lys preferiam, mas uma miríade de bolsos, grandes e pequenos, tinham sido costurados do lado de dentro das grandes mangas da sua toga. Escondeu as sementes de estrangulador num deles, escancarou a porta e chamou:

– Pylos? Onde está você? – diante da falta de resposta, voltou a chamar, mais alto: – Pylos, preciso de ajuda.

Continuou a não haver resposta. Era estranho; a cela do jovem mestre ficava apenas meia-volta da escada abaixo, bem ao alcance da sua voz. Por fim, Cressen foi forçado a chamar os criados.

– Apressem-se – disse-lhes. – Dormi demais. A esta altura já estão no banquete... bebendo... Deviam ter me acordado – que teria acontecido ao Mestre Pylos? Realmente não compreendia.

De novo teve de atravessar a longa galeria. Um vento noturno sussurrava através das grandes janelas, trazendo o cheiro vivo do mar. Tochas tremeluziam ao longo das muralhas de Pedra do Dragão, e no acampamento, que se estendia para lá delas, era possível ver centenas de fogueiras de cozinhar ardendo, como se um campo de estrelas tivesse caído sobre a terra. No alto, o cometa brilhava, vermelho e malévolos. *Sou velho e sábio demais para temer esse tipo de coisa*, disse o mestre para si mesmo.

As portas que abriam para o Grande Salão ficavam na boca de um dragão de pedra. Disse aos criados para que o deixassem do lado de fora. Seria melhor entrar sozinho; não devia aparentar fraqueza. Apoiando-se pesadamente na bengala, Cressen subiu os últimos degraus e coxeou por baixo dos dentes da entrada. Um par de guardas abriu as pesadas portas vermelhas à sua frente, libertando uma súbita explosão de som e de luz. Cressen penetrou no estômago do dragão.

Por sobre o tinir de facas e pratos, e o profundo burburinho das conversas de mesa, ouviu Cara-Malhada cantando “... *dançar, senhor, dançar, senhor*”, acompanhado por guizos dissonantes. A mesma canção horrível que cantara de manhã. “*As sombras vêm ficar, senhor, ficar, senhor, ficar, senhor.*” As mesas inferiores estavam apinhadas de cavaleiros, arqueiros e capitães mercenários, que desfaziam nacos de pão preto para ensopar nos seus guisados de peixe. Ali não havia risos sonoros nem gritos obscenos, como os que acabavam com a dignidade dos banquetes de outros homens, Lorde Stannis não permitia tais coisas.

Cressen abriu caminho na direção da plataforma elevada onde os senhores se sentavam com o rei. Teve de fazer um desvio em volta de Cara-Malhada. Dançando, com os guizos tocando, o bobo não o viu nem ouviu seus passos. Enquanto saltitava de uma perna para outra, guinou sobre Cressen, chutando a bengala em que o mestre se apoiava. No meio da afobação, caíram juntos, num emaranhado de braços e pernas, enquanto uma súbita explosão de risos se ergueu à volta deles. Não havia dúvida de que o espetáculo era cômico.

Cara-Malhada estatelou-se meio por cima do meistre, com a sua cara tatuada de bobo comprimida contra a de Cressen. Tinha perdido o elmo de latão com chifres e guizos.

– Debaixo do mar, caímos para *cima* – declarou. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Aos risinhos, o bobo rolou para longe, pôs-se em pé de um salto e fez uma pequena dança.

Tentando tirar o melhor proveito da situação, o meistre deu um frágil sorriso e esforçou-se para se erguer, mas sua bacia doía tanto que, por um momento, chegou a temer que a tivesse quebrado de novo. Sentiu-se sendo agarrado por baixo dos braços por mãos fortes que o puseram em pé.

– Obrigado, sor – murmurou, virando-se para ver qual dos cavaleiros tinha vindo ajudá-lo...

– Meistre – disse a Senhora Melisandre, com a voz profunda temperada com a música do mar de Jade. – Deveria tomar mais cuidado.

Como sempre, trajava vermelho dos pés à cabeça, com um longo vestido solto de seda esvoaçante, brilhante como fogo, com longas mangas pendentes e profundos cortes no corpete, pelos quais se entevia um tecido mais escuro, vermelho-sangue, que usava por baixo. Tinha em torno da garganta uma gargantilha de ouro vermelho, mais apertada do que qualquer corrente de meistre, ornamentada com um único grande rubi. O cabelo não era de tom alaranjado ou cor de morango dos ruivos comuns, mas de um profundo acobreado lustroso que brilhava à luz das tochas. Até seus olhos eram vermelhos... Mas a pele era lisa e branca, imaculada, clara como leite. E era esguia, graciosa, mais alta que a maior parte dos cavaleiros, com seios fartos, cintura estreita e um rosto em forma de coração. Os olhos dos homens que a encontravam não se afastavam facilmente, nem mesmo os de um meistre. Muitos diziam que era bela. Mas não era. Era vermelha, e terrível, e vermelha.

– Eu... lhe agradeço, senhora.

– Um homem da sua idade deve ver onde pisa – Melisandre disse cortesmente. – A noite é escura e cheia de terrores.

Ele conhecia a frase, uma prece qualquer da fé dela. *Não importa, tenho minha própria fé.*

– Só as crianças temem a escuridão – Cressen respondeu. Mas, mesmo enquanto proferia aquelas palavras, ouviu Cara-Malhada retomar sua canção “*As sombras vêm dançar, senhor, dançar, senhor, dançar, senhor*”.

– Eis um mistério – disse Melisandre. – Um bobo esperto e um sábio tolo.

Dobrando-se, pegou do chão o elmo de Cara-Malhada e o colocou na cabeça de Cressen. Os guizos ressoaram suavemente quando o balde de latão deslizou sobre suas orelhas.

– Uma coroa para combinar com a sua corrente, Senhor Meistre – ela anunciou. Por todos os lados, os homens riam.

Cressen apertou os lábios e lutou para controlar a ira. Ela o via como frágil e impotente, mas aprenderia que não era assim, antes de a noite acabar. Podia ser velho, mas ainda era um meistre da Cidadela.

– Não necessito de coroa alguma além da verdade – ele respondeu, tirando o elmo do bobo da cabeça.

– Há verdades neste mundo que não se ensinam em Vilavelha.

Melisandre virou as costas num redemoinho de seda vermelha e abriu caminho de volta à mesa elevada, onde se encontravam o Rei Stannis e sua rainha. Cressen entregou o balde de latão com chifres a Cara-Malhada e fez menção de segui-la.

Meistre Pylos estava sentado no seu lugar.

O velho só conseguiu ficar parado, encarando-o.

– Mestre Pylos – disse por fim. – Você... você não me acordou.

– Sua Graça ordenou-me que o deixasse repousar – Pylos teve pelo menos a cortesia de corar. – Disse-me que sua presença aqui não era necessária.

Cressen examinou por cima os cavaleiros, capitães e senhores que se sentavam em silêncio. Lorde Celtigar, idoso e amargo, vestia um manto com um padrão de caranguejos vermelhos realçados com granadas. O belo Lorde Velaryon tinha escolhido seda verde-mar, e o cavalo-marinho de ouro branco que trazia à garganta combinava com seus longos cabelos claros. Lorde Bar Emmon, um roliço rapaz de catorze anos, estava coberto de veludo roxo debruado com pele de foca branca; Sor Axell Florent permanecia modesto, mesmo vestido de cor ferrugem e pele de raposa. O piedoso Lorde Sunglass usava selenite na garganta, no pulso e nos dedos, e o capitão liseno Salladhor Saan era um esplendor de cetim escarlate, ouro e joias. Só Sor Davos vestia-se de forma simples, com um gibão marrom e um manto de lã verde, e só ele enfrentou seu olhar, com piedade nos olhos.

– Está doente e confuso demais para me ser útil, velho – soava tanto como a voz de Lorde Stannis, mas não podia ser, não podia. – Daqui em diante, Pylos irá me aconselhar. Já cuida dos corvos, uma vez que você já não é capaz de subir até o viveiro. Não deixarei que se mate a meu serviço.

Meistre Cressen pestanejou. *Stannis, meu senhor, meu triste rapaz carrancudo, filho que nunca tive, não pode fazer isso. Não sabe como me preocupei com você, vivi para você, amei você apesar de tudo? Sim, amei-o, mais até do que a Robert, ou a Renly, pois você era o mal-amado, aquele que mais precisava.* Mas tudo o que disse foi:

– Às suas ordens, senhor, mas... Tenho fome. Poderia ocupar um lugar à sua mesa? – *ao seu lado, o meu lugar é ao seu lado...*

Sor Davos levantou-se do banco.

– Ficaria honrado se o mestre se sentasse aqui ao meu lado, Vossa Graça.

– Como quiser – Lorde Stannis respondeu e se virou para dizer qualquer coisa a Melisandre, que tinha se sentado do seu lado direito, lugar de grande honra. A Senhora Selyse estava à sua esquerda, ostentando um sorriso tão brilhante e anguloso como as suas joias.

Longe demais, pensou Cressen, atordoado, olhando para onde Sor Davos estava sentado. Metade dos senhores vassalos separava o contrabandista da mesa elevada. Tenho de ficar mais perto dela se quiser pôr o estrangulador na sua taça. Mas como?

Cara-Malhada dava piruetas por ali, enquanto o mestre fazia seu lento trajeto em volta da mesa até Davos Seaworth.

– Aqui comemos peixe – declarou o bobo em tom feliz, brandindo um bacalhau como se fosse um cetro. – Debaixo do mar, os peixes nos comem. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Sor Davos afastou-se para o lado, a fim de arranjar espaço no banco.

– Hoje devíamos estar todos vestidos de bufões – ele disse lugubrememente quando Cressen se sentou –, pois o que estamos fazendo é coisa de bobo. A mulher vermelha viu vitória nas suas chamas; portanto, Stannis deseja insistir na sua pretensão, sem se importar com os números. Receio que, antes de ela terminar, é provável que todos vejamos o que o Cara-Malhada viu... o fundo do mar.

Cressen enfiou as mãos nas mangas, como se procurasse aquecê-las. Os dedos encontraram os caroços que os cristais faziam na lã.

– Lorde Stannis.

Stannis afastou o olhar da mulher vermelha, mas foi Selyse quem respondeu.

– Rei Stannis. Esqueceu-se do seu lugar, mestre.
– Ele é velho, sua mente divaga – disse-lhe o rei num tom rabugento. – Que foi, Cressen? Diga o que está pensando.

– Visto que pretende zarpar, é vital que faça causa comum com Lorde Stark e a Senhora Arryn...

– Não faço causa comum com ninguém – Stannis Baratheon respondeu.

– Assim como a luz não faz causa comum com a escuridão – a Senhora Selyse tomou sua mão.

Stannis concordou com a cabeça.

– Os Stark tentam roubar metade do meu reino, tal como os Lannister me roubaram o trono e o meu querido irmão, as espadas, servidores e fortalezas, que são meus de direito. São todos usurpadores, e são todos meus inimigos.

Perdi-o, Cressen pensou, desesperando-se. Se ao menos conseguisse, de algum modo, se aproximar de Melisandre sem ser visto... Não precisava de mais do que um instante de proximidade da sua taça.

– O senhor é o herdeiro legítimo do seu irmão Robert, o verdadeiro Senhor dos Sete Reinos, e Rei dos Ándalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens – Cressen disse, desesperadamente.

– Mas, mesmo assim, não pode crer em um triunfo sem aliados.

– Ele tem um aliado – interveio a Senhora Selyse. – R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração do Fogo, o Deus da Chama e da Sombra.

– Os deuses são, na melhor das hipóteses, aliados incertos – insistiu o velho. – E esse não tem poder nenhum aqui.

– Acredita que não?

O rubi preso ao pescoço de Melisandre capturou a luz quando ela virou a cabeça, e por um instante pareceu brilhar tão luminoso como o cometa.

– Se acredita em tal besteira, Mestre, deveria voltar a colocar sua coroa.

– Sim – concordou a Senhora Selyse. – O elmo do Malhada. Cai bem em você, velho. Volte a colocá-lo, eu ordeno.

– Debaixo do mar ninguém usa chapéus – cantarolou Cara-Malhada. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Os olhos de Lorde Stannis estavam na sombra das suas pesadas sobranceiras, sua boca, apertada, enquanto o maxilar trabalhava em silêncio. Rangia os dentes sempre que se zangava.

– Bobo – ele rosou por fim –, a senhora minha esposa ordena. Dê o elmo a Cressen.

Não, pensou o velho mestre, *este não é você, não é o seu jeito, sempre foi justo, sempre duro, mas nunca cruel, nunca, não compreendia a gozação, assim como não compreendia o riso.*

Cara-Malhada se aproximou dançando, fazendo soar os guizos, *clang-a-clang, ding-ding, clinc-clanc-clinc-clanc*. O mestre ficou sentado, em silêncio, enquanto o bobo punha o balde com chifres na sua cabeça. Cressen abaixou a cabeça com o peso. Os sinos ressoaram.

– Talvez ele deva, daqui para a frente, cantar os seus conselhos – disse a Senhora Selyse.

– Foi longe demais, mulher – repreendeu-a Lorde Stannis. – É um velho, e serviu-me bem.

E servirei até o fim, meu querido senhor, meu pobre filho solitário, pensou Cressen. E, de repente, descobriu um jeito. A taça de Sor Davos estava na sua frente, ainda com tinto amargo pela metade. Encontrou uma dura lasca de cristal na manga, apertou-a bem entre o indicador e o polegar enquanto estendia a mão para a taça. *Movimentos suaves, hábeis, agora não posso me atraparhar*, rezou, e os deuses mostraram-se bondosos. Num piscar de olhos, os dedos ficaram vazios. Havia

anos que suas mãos não tinham estado tão firmes, nem com metade daquela leveza. Davos viu, mas mais ninguém, tinha certeza. De taça na mão, levantou-se.

– Talvez tenha sido um tolo. Senhora Melisandre, quer partilhar comigo uma taça de vinho? Uma taça em honra do seu deus, do seu Senhor da Luz? Uma taça para brindar ao poder dele?

A mulher vermelha o estudou.

– Se quiser...

Podia sentir que todos o observavam. Davos agarrou-o quando se levantou do banco, prendendo sua manga com os dedos que Lord Stannis tinha encurtado.

– O que está fazendo? – sussurrou.

– Uma coisa que tem de ser feita – respondeu mestre Cressen. – Para o bem do reino e da alma do meu senhor – sacudiu a mão de Davos, derramando uma gota de vinho nas esteiras.

Encontraram-se sob a mesa elevada, com os olhos de todos os homens sobre eles. Mas Cressen só via a mulher. Seda vermelha, olhos vermelhos, o rubi vermelho no pescoço, lábios vermelhos encurvados num tênue sorriso quando colocou a mão sobre a dele, em torno da taça. A pele dela pareceu-lhe quente, febril.

– Não é tarde demais para jogar o vinho fora, mestre.

– Não – murmurou roucamente. – Não.

– Como quiser.

Melisandre de Asshai tirou a taça de suas mãos e bebeu, longa e profundamente. Quando a devolveu, restava apenas meio gole de vinho no fundo.

– E agora você.

As mãos de Cressen tremiam, mas obrigou-se a ser forte. Um mestre da Cidadela não devia ter medo. Sentiu o vinho amargo na língua. Deixou a taça vazia cair dos seus dedos e se estilhaçar no chão.

– Ele *tem* poder aqui, senhor – disse a mulher. – E o fogo purifica – na sua garganta, o rubi cintilava, vermelho.

Cressen tentou responder, mas as palavras ficaram presas na garganta. Sua tosse transformou-se num terrível assobio agudo quando tentou inspirar. Dedos de ferro apertaram-se em torno do seu pescoço. Quando caiu de joelhos, ainda balançava a cabeça, negando-a, negando seu poder, sua magia, negando o seu deus. E os guizos tiniam nos chifres, cantando *toló, toló, toló*, enquanto a mulher vermelha o olhava com piedade, e as chamas das velas dançavam nos seus olhos tão... tão vermelhos.

Arya

Em Winterfell tinha sido chamada “Arya Cara de Cavalo”, e Arya pensara, então, que nada poderia ser pior. Mas isso foi antes de o órfão Lommy Mãos-Verdes tê-la apelidado de “Cabeça de Caroço”.

Sua cabeça parecia ter caroços quando a tocava. Quando Yoren a arrastara para aquele beco, Arya achou que quisesse matá-la, mas o amargo velho limitou-se a segurá-la firme, abrindo caminho com o punhal pelas suas madeixas emaranhadas. Lembrava-se de como a brisa tinha soprado os punhados de cabelo castanho sujo sobre as pedras do pavimento, em direção ao septo onde o pai morrera.

– Estou levando homens e rapazes da cidade – Yoren tinha resmungado, enquanto o aço afiado raspava sua cabeça. – Agora fica quieto, *rapaz*.

Quando ele terminou, não havia nada na cabeça além de tufo de cabelos cortados curtos. Mais tarde, Yoren disse que dali até Winterfell ela seria Arry, o órfão.

– O portão não deve ser difícil, mas a estrada é outra coisa. Tem muito chão pela frente com más companhias. Desta vez tenho trinta, homens e garotos, todos a caminho da Muralha, e não pense que são como aquele seu irmão bastardo – ele a sacudiu. – Lorde Eddard me deixou escolher nas masmorras, e lá embaixo não encontrei nenhum cavaleiro. Desses aí, metade entregava você pra rainha num piscar de olhos em troca de um perdão e, de quebra, umas moedas de prata. A outra metade fazia o mesmo, só que te estuprava primeiro. Por isso, fique quieta e só tire água do joelho na floresta, sozinha. Isso deve ser o mais difícil, o xixi, então, não beba mais do que precisa.

Deixar Porto Real foi fácil, como ele tinha dito. Os guardas Lannister no portão mandavam parar todo mundo, mas Yoren chamou um deles pelo nome, e com um gesto mandaram as carroças em que seguiam avançar. Ninguém olhou sequer de relance para Arya. Estavam à procura de uma moça bem-nascida, filha da Mão do Rei, não de um rapaz magricela com o cabelo cortado. Arya não olhou para trás. Gostaria que a Torrente transbordasse e levasse a cidade inteira, o Baixo das Pulgas, a Fortaleza Vermelha, o Grande Septo, *tudo, e todos* também, especialmente o Príncipe Joffrey e a mãe dele. Mas sabia que isso não aconteceria, e, de qualquer modo, Sansa ainda estava na cidade, e seria levada também. Quando se lembrou disso, Arya decidiu que o melhor era desejar chegar a Winterfell.

Mas Yoren tinha se enganado sobre o xixi. Não era a parte mais difícil, mas, sim Lommy Mãos-Verdes e o Torta Quente. Órfãos. Yoren pescara alguns das ruas, prometendo comida para as barrigas e sapatos para os pés. Os demais, tinha encontrado acorrentados.

– A Patrulha precisa de bons homens – ele lhes disse quando se puseram a caminho –, mas vocês terão que servir.

Yoren também tirara marmanjos das masmorras, ladrões, caçadores furtivos, estupradores e afins. Os piores eram os três que tinha encontrado nas celas negras, que até a ele deviam assustar, porque os mantinha acorrentados pelos pés e pelas mãos na parte de trás de uma carroça, e garantia que os manteria presos ao longo de todo o caminho até a Muralha. Um deles não tinha nariz, mas apenas um buraco onde ele havia sido cortado, e o careca gordo com dentes pontiagudos e feridas úmidas nas bochechas tinha olhos nada humanos.

Saíram de Porto Real com cinco carroças carregadas com abastecimento para a Muralha: peles e rolos de tecido, barras de ferro-gusa, uma gaiola de corvos, livros, papel e tinta, um fardo de folhamarga, vasilhas de óleo e baús de medicamentos e especiarias. Parelhas de cavalos de tração puxavam as carroças, e Yoren comprou dois corcéis e meia dúzia de burros para os rapazes. Arya teria preferido um cavalo verdadeiro, mas o burro era melhor do que seguir numa carroça.

Os homens não prestavam atenção nela, mas não teve a mesma sorte com os garotos. Era dois anos mais nova do que o órfão mais jovem, sem contar que também era menor e mais magra, e Lommy e Torta Quente julgavam que seu silêncio significava que estava assustada, ou que era estúpida ou surda.

– Olha aquela espada que o Cabeça de Caroço tem – disse Lommy uma manhã, enquanto abriam seu penoso caminho por entre pomares e campos de trigo. Tinha sido aprendiz de tintureiro antes de ser apanhado roubando, e seus braços eram salpicados de verde até o cotovelo. Quando ria, zurrava como os burros que montavam. – Onde é que um rato de esgoto como o Cabeça de Caroço arranjou uma espada?

Arya mordeu o lábio, carrancuda. Podia ver as costas do manto negro desbotado de Yoren à frente das carroças, mas estava decidida a não ir implorar por sua ajuda.

– Talvez seja um escudeirozinho – sugeriu Torta Quente. Sua mãe tinha sido padeira até morrer, e ele tinha passado dias inteiros empurrando o carrinho de mão pelas ruas, gritando “*Tortas quentes! Tortas quentes!*”. – Um escudeirozinho de um senhorzinho de nada, é isso.

– Escudeiro, nada, olha pra ele. Aposto que aquilo nem é uma espada de verdade. Aposto que é uma espada de brincar feita de latão.

Arya detestava que zombassem de Agulha.

– É aço forjado em castelo, seu estúpido – exclamou, virando-se na sela para encará-los. – É melhor que cale a boca.

Os órfãos vaiaram.

– Onde arranjou uma arma dessas, Cara de Caroço? – quis saber Torta Quente.

– É Cabeça de Caroço – Lommy corrigiu. – Deve ter roubado.

– Não roubei *nada!* – Arya gritou. Jon Snow tinha lhe dado Agulha. Talvez tivesse de deixar que a chamassem Cabeça de Caroço, mas não ia deixar que chamassem Jon de ladrão.

– Se roubou a espada, podíamos pegá-la dele – Torta Quente sugeriu. – De qualquer maneira, não é dele. Eu não me importava de ter uma dessas na mão.

Lommy o incitou.

– Vai lá, duvido que pegue.

Torta Quente enfiou os calcanhares no burro, aproximando-se.

– Ei, Cabeça de Caroço, me dá essa espada – seu cabelo era cor de palha e a cara gorda, queimada pelo sol, descamava. – Você não sabe usá-la.

Sei, sim, Arya podia ter dito. Matei um garoto, um garoto gordo como você. Dei uma estocada na barriga dele e ele morreu, e mato você também se não me deixar em paz. Mas não se atreveu. Yoren não sabia nada sobre o cavaliço, e ela tinha medo do que pudesse fazer se descobrisse. Arya

tinha certeza de que alguns dos outros homens também eram assassinos, os três das algemas com certeza, mas a rainha não estava à procura *deles*, então não era a mesma coisa.

– Olha pra ele – zurrou Lommy Mãos-Verdes. – Aposto que vai começar a chorar. Quer chorar, Cabeça de Carço?

Arya tinha chorado durante o sono na noite anterior, sonhando com o pai. Ao amanhecer, acordou de olhos vermelhos e secos, e não teria conseguido derramar nem mais uma lágrima, nem que sua vida dependesse disso.

– Vai molhar as calças – sugeriu Torta Quente.

– Deixem-no em paz – disse o rapaz com o cabelo preto crespo, que cavalgava atrás. Lommy lhe dera o apelido de Touro, por causa do elmo com cornos que tinha e que polia o tempo todo, mas nunca usava. Lommy não se atrevia a caçoar do Touro. Era mais velho, e grande para a idade, com um peito largo e braços de aspecto forte.

– É melhor dar a espada ao Torta Quente, Arry – Lommy disse. – O Torta Quente a quer muito. Matou um rapaz a chutes. Aposto que vai fazer o mesmo com você.

– Atirei-o ao chão e chutei suas bolas, e continuei a chutá-lo até estar morto – vangloriou-se Torta Quente. – Estraçalhei o cara a pontapés. Ficou com as bolas estouradas, sangrando, e o pinto preto. É melhor me dar a espada.

Arya puxou a espada de treino do cinto.

– Pode ficar com esta – ela respondeu, sem querer lutar.

– Isso é só um pau qualquer.

O rapaz se aproximou e tentou alcançar o cabo da Agulha.

Arya fez o pau assobiar ao bater com a madeira nas ancas do burro dele. O animal soltou um zurro e deu um salto, arqueando o dorso e atirando Torta Quente no chão. Arya fez seu próprio burro dar meia-volta e espetou o pau na barriga do rapaz quando tentava se levantar, obrigando-o a se sentar de novo com um grunhido. Então, bateu na sua cara, e o nariz dele estalou como um galho quando se quebra. Sangue escorreu de suas narinas. Quando Torta Quente começou a gemer, Arya virou-se para Lommy Mãos-Verdes, que continuava montado no burro, de boca aberta:

– Também quer provar um pouco da espada? – ela gritou, mas ele não queria. Ergueu as mãos tingidas de verde na frente da cara e guinchou que ela se afastasse.

Touro gritou:

– Atrás de você!

Arya rodopiou. Torta Quente estava de joelhos, com o punho fechado segurando uma grande pedra irregular. Arya deixou que a atirasse, abaixando a cabeça quando a pedra passou. Depois, saltou para cima dele. Ele levantou uma mão, e Arya bateu nela, e depois na cara, e depois no joelho. Ele tentou agarrá-la, mas ela se afastou, dançando, e deu com a madeira na nuca dele. Ele caiu, se levantou e tropeçou ao ir atrás dela, com a cara vermelha toda manchada de terra e sangue. Arya adotou uma pose de dançarina de água e esperou. Quando ele chegou suficientemente perto, lançou uma estocada, bem no meio das pernas, com tanta força que, se a espada de madeira tivesse uma ponta, teria saído por entre as nádegas dele.

Quando Yoren a puxou para cima, Torta Quente estava estatelado no chão, com os calções marrons e fedidos, chorando, enquanto Arya batia e voltava a bater.

– *Basta* – rugiu o irmão negro, arrancando a espada de madeira dos dedos dela. – Quer matar esse babaca? – quando Lommy e alguns dos outros começaram a chiar, o velho virou-se também para eles. – Calem a boca vocês também, senão vou fazer com que se calem. Se

continuarem com isso, amarro todos atrás das carroças e *arrasto vocês* até a Muralha – Yoren cuspiu. – E isso vale em dobro para você, Arry. Anda comigo, rapaz. Já.

Estavam todos olhando para ela, até os três acorrentados e algemados na parte de trás da carroça. O gordo bateu os dentes pontiagudos uns nos outros e *silvou*, mas Arya o ignorou.

O velho a arrastou até bem longe, num emaranhado de árvores longe da estrada, praguejando e resmungando o tempo inteiro.

– Se eu tivesse um pingão de juízo, tinha deixado você em Porto Real. Está me ouvindo, *rapaz*? – Yoren rosnava sempre aquela palavra, dando-lhe peso para que ela não deixasse de ouvi-la. – Desamarre o calção e abaixe-o. Vai, aqui não tem ninguém vendo. Faz o que eu digo.

Carrancuda, Arya fez o que ele dizia.

– Ali, junto do carvalho. Isso, assim mesmo – Arya abraçou o tronco e comprimiu a cara contra a madeira rugosa. – Agora grita. Grita com força.

Não gritarei, pensou Arya teimosamente, mas, quando Yoren bateu com o pau na parte de trás das suas coxas nuas, o guincho saiu, mesmo sem permissão.

– Acha que isso doeu? – ele perguntou. – Experimenta isto.

O pau caiu assobiando. Arya voltou a guinchar, agarrando-se à árvore para não cair.

– Mais uma vez.

Ela se agarrou mais, mordendo o lábio, estremeando quando ouviu o pau chegando. A pancada fez Arya saltar e uivar. *Não chorarei*, pensou, *não farei isso. Sou uma Stark de Winterfell, nosso símbolo é o lobo gigante, e os lobos gigantes não choram*. Sentia um estreito fio de sangue escorrendo pela perna esquerda. Suas coxas e nádegas ardiavam de dor.

– Pode ser que agora eu tenha a sua atenção – disse Yoren. – Da próxima vez que levantar o pau contra um dos seus irmãos, levará o dobro do que der, está me ouvindo? Agora, vista-se.

Eles não são meus irmãos, Arya pensou, enquanto se dobrava para puxar os calções, mas sabia que não devia dizer aquilo. As mãos atrapalharam-se com o cinto e os cordões.

Yoren estava olhando para ela:

– Tá sentindo dor?

Calma como águas paradas, disse ela a si mesma, como Syrio Forel lhe ensinara.

– Um pouco.

Ele cuspiu.

– Aquele menino das tortas sentiu mais. Não foi ele que matou seu pai, menina, nem o ladrão do Lommy. Bater neles não vai trazê-lo de volta.

– Eu sei – Arya resmungou, carrancuda.

– Mas tem uma coisa que você não sabe. Aquilo não deveria ter acontecido como aconteceu. Tava pronto para ir embora, com as carroças compradas e carregadas, e chega um homem com um rapaz pra mim, uma bolsa de dinheiro e uma mensagem, não me pergunte de quem. “O Lorde Eddard deve vestir o negro”, ele me disse, “espera, ele vai contigo”. Por que você acha que eu tava lá? Só que alguma coisa deu errado.

– *Joffrey* – Arya exclamou. – Alguém deveria matá-lo!

– Alguém vai matar, mas não será você nem eu – Yoren jogou de volta para ela a espada de madeira. – Tem folhamarga nas carroças – ele disse, enquanto voltavam à estrada. – Mastiga um pouco, vai ser bom para a dor.

De fato foi bom, um pouco, embora o gosto fosse ruim e deixasse seu cuspe parecido com sangue. Mesmo assim, seguiu o resto do dia a pé, e o dia seguinte, e o outro depois *desse*, dolorida demais para se sentar num burro. Torta Quente estava pior. Yoren teve de mudar algumas barricas

de lugar para que ele pudesse deitar na parte de trás de uma carroça, em cima de umas sacas de cevada, e choramingava cada vez que as rodas batiam numa pedra. Lommy Mãos-Verdes não estava sequer machucado, mas mantinha-se o mais longe possível de Arya.

– Sempre que olha para ele, ele se encolhe – Touro disse a Arya enquanto caminhava ao lado do seu burro. Ela não respondeu. Parecia ser mais seguro não falar com ninguém.

Naquela noite, ficou deitada na sua manta fina no chão duro, fitando o grande cometa vermelho. Era magnífico e assustador ao mesmo tempo. “A Espada Vermelha”, assim Touro o chamara; dizia que parecia uma espada, com a lâmina ainda incandescente da forja. Quando Arya o olhava de soslaio, da maneira certa, também conseguia ver a espada, mas não era uma espada nova, era Gelo, a espada longa do pai, toda feita de aço valiriano ondulado, e o vermelho era o sangue de Lorde Eddard na lâmina depois de Sor Ilyn, o Magistrado do Rei, ter cortado sua cabeça. Yoren a obrigara a afastar o olhar quando aquilo aconteceu, mas ela acreditava que o aspecto do cometa devia ser como o que a espada deve ter tomado depois.

Quando por fim adormeceu, sonhou com seu lar. A estrada do rei serpenteava ao longo de Winterfell a caminho da Muralha, e Yoren havia prometido que a deixaria lá sem que ninguém ficasse sabendo nada sobre quem era. Ansiava por voltar a ver a mãe, e Robb, Bran e Rickon... mas era em Jon Snow que mais pensava. Desejava que de algum modo pudessem chegar à Muralha *antes* de Winterfell, para que Jon pudesse despentear seu cabelo e chamá-la de “irmãzinha”. Diria “tive saudades de você”, e ele diria a mesma coisa no mesmo instante, do modo como costumavam sempre dizer as coisas juntos. Ela gostaria disso. Gostaria mais disso do que de qualquer outra coisa.

Sansa

O dia do nome do Rei Joffrey amanheceu claro e ventoso, com a longa cauda do grande cometa visível por entre nuvens altas e rápidas. Sansa a observava da janela de sua torre quando Sor Arys Oakheart chegou para escoltá-la até o campo de torneios.

– O que você acha que significa? – ela lhe perguntou.

– Glória para o seu prometido – Sor Arys respondeu de imediato. – Veja como flameja pelo céu hoje, no dia do nome de Sua Graça, como se os próprios deuses tivessem içado um estandarte em sua honra. O povo o chamou Cometa do Rei Joffrey.

Sem dúvida era isso que diziam a Joffrey, mas Sansa não tinha tanta certeza de que fosse verdade.

– Ouvi criados chamarem de Cauda do Dragão.

– Rei Joffrey ocupa o lugar que antigamente foi de Aegon, o Dragão, no castelo construído por seu filho – disse Sor Arys. – É ele o herdeiro do dragão... E o carmim é a cor da Casa Lannister, outro sinal. Este cometa foi enviado para anunciar a ascensão de Joffrey ao trono, não tenho qualquer dúvida. Significa que triunfaremos sobre os seus inimigos.

Será verdade?, perguntou Sansa a si mesma. *Seriam os deuses tão cruéis assim?* Sua mãe era agora um dos inimigos de Joffrey, e seu irmão Robb, outro. Seu pai tinha morrido por ordem do rei. Deveriam Robb e sua mãe morrer em seguida? O cometa era vermelho, mas Joffrey era tanto Baratheon como Lannister, e o símbolo Baratheon era um veado negro em fundo dourado. Não deveriam os deuses ter mandado a Joff um cometa dourado?

Sansa fechou as venezianas e deu as costas à janela bruscamente.

– Está adorável hoje, minha senhora – Sor Arys a elogiou.

– Obrigada, sor.

Sabendo que Joffrey exigiria que ela comparecesse ao torneio organizado em sua honra, Sansa tinha tomado especial cuidado com seu rosto e suas roupas. Usava um vestido de seda lilás e uma rede de selenitas para o cabelo, presente de Joffrey. O vestido tinha mangas compridas para esconder os hematomas que trazia nos braços. Estes também presentes de Joffrey. Quando lhe disseram que Robb tinha sido proclamado Rei no Norte, sua ira havia sido terrível, e mandara Sor Boros bater nela.

– Vamos? – Sor Arys ofereceu o braço, e Sansa deixou que a levasse dos seus aposentos. Se tinha de ter um membro da Guarda Real seguindo seus passos, preferia que fosse ele. Sor Boros tinha um temperamento irritável, Sor Meryn era frio, e os estranhos olhos mortos de Sor Mandon deixavam-na pouco à vontade, enquanto Sor Preston a tratava como uma criança estúpida. Arys Oakheart era cortês e falava com ela cordialmente. Uma vez até questionou quando Joffrey lhe ordenara que batesse nela. Acabou batendo, mas não com tanta força como Sor Meryn ou

Sor Boros teriam feito, e pelo menos discutira. Os outros obedeciam sem questionar... Exceto Cão de Caça, mas Joff nunca pedia a ele para puni-la. Para isso usava os outros cinco.

Sor Arys tinha cabelo castanho-claro e um rosto que não era desagradável de contemplar. Hoje, estava um tanto elegante, com o manto de seda branca preso ao ombro por uma folha dourada, e um grande carvalho bordado no peito da sua túnica em brilhante fio de ouro.

– Quem acha que conquistará as honras do dia? – Sansa perguntou, enquanto desciam os degraus de braços dados.

– Eu – Sor Arys respondeu, sorrindo. – Mas temo que o triunfo não tenha sabor. Esta será uma competição pequena e pobre. Não mais de duas vintenas entrarão na arena, incluindo escudeiros e cavaleiros livres. Pouca honra se conquista derrubando garotinhos inexperientes.

Sansa lembrou-se de que o último torneio tinha sido diferente. O Rei Robert organizara-o em honra a seu pai. Grandes senhores e campeões afamados tinham vindo de todo o reino para competir, e a cidade inteira apareceu para assistir. Recordava o esplendor. O parque de pavilhões ao longo do rio, com o escudo de um cavaleiro pendurado na frente de cada porta, as longas fileiras de flâmulas de seda esvoaçando ao vento, o brilho do sol em aço cintilante e esporas douradas. Os dias ressoaram ao som das trombetas e de cascos de cavalos, e as noites tinham se enchido de banquetes e canções. Aqueles tinham sido os dias mais mágicos da sua vida, mas agora pareciam a recordação de uma outra era. Robert Baratheon estava morto, e seu pai também, decapitado como traidor nos degraus do Grande Septo de Baelor. Agora havia três reis na nação, e a guerra assolava o Tridente, enquanto a cidade se enchia de homens desesperados. Não surpreendia que tivessem tido de montar o torneio de Joff atrás das espessas muralhas de pedra da Fortaleza Vermelha.

– Acha que a rainha comparecerá? – Sansa sentia-se sempre mais segura quando Cersei estava presente para refrear o filho.

– Temo que não, senhora. O conselho está reunido, algum assunto urgente – Sor Arys baixou a voz. – Lorde Tywin instalou-se em Harrenhal, em vez de trazer seu exército para a cidade, como a rainha ordenou. Sua Graça está furiosa.

Ele ficou em silêncio, enquanto uma coluna de guardas Lannister passava por eles marchando, vestidos com mantos carmesim e elmos encimados por leões. Sor Arys adorava fofocar, mas só quando tinha certeza de que ninguém o estava ouvindo.

Os carpinteiros tinham erigido uma galeria e uma arena entre as muralhas. Era, de fato, uma coisa medíocre, e a magra afluência de pessoas que tinha vindo assistir ao torneio não enchia mais do que metade dos lugares. A maior parte dos espectadores era de guardas de mantos dourados da Patrulha da Cidade, ou de mantos carmesim da Casa Lannister; senhores e senhoras não eram mais do que um punhado insignificante, os poucos que permaneciam na corte. Lorde Gyles Rosby, com sua cara cinzenta, tossia em um quadrado de seda cor-de-rosa. A Senhora Tanda estava rodeada pelas filhas, a plácida e aborrecida Lollys, e a mordaz Falyse, Jalabhar Xho, de pele de ébano, era um exilado que não tinha nenhum outro refúgio, a Senhora Ermesande, e um bebê, sentado no colo da ama de leite. Segundo se dizia, ela deveria ser casada em breve com um dos primos da rainha, para que os Lannister pudessem reclamar as suas terras.

O rei estava protegido do sol por uma abóbada carmesim, com uma perna jogada negligentemente sobre o braço de madeira esculpida da cadeira. A Princesa Myrcella e o Príncipe Tommen estavam sentados atrás dele. No fundo do camarote real, Sandor Clegane montava guarda, descansando as mãos no cinto da espada. Tinha o manto branco da Guarda Real enrolado sobre os ombros largos e preso com um broche cravejado de joias. O pano, branco como

a neve, parecia de certo modo pouco natural sobre sua túnica marrom de tecido grosseiro e justilho de couro com rebites.

– Senhora Sansa – anunciou secamente Cão de Caça quando a viu. Sua voz era áspera como o som de uma serra na madeira. As cicatrizes de queimaduras no seu rosto faziam com que um dos lados da boca se torcesse quando falava.

A Princesa Myrcella fez um tímido aceno de saudação ao ouvir o nome de Sansa, mas o pequeno e roliço Príncipe Tommen saltou, cheio de entusiasmo.

– Sansa, já te disseram? Hoje devo participar do torneio. A mãe disse que eu podia.

Tommen não tinha mais do que oito anos. Fazia Sansa lembrar-se do irmão mais novo, Bran. Eram da mesma idade. Bran estava em Winterfell, aleijado, mas em segurança, e ela daria qualquer coisa para estar com ele.

– Temo pela vida do seu oponente – ela lhe disse solenemente.

– O oponente dele estará estofado com palha – disse Joff a se colocar de pé. O rei trajava uma placa de peito dourada com um leão rugindo gravado, como se esperasse que a guerra o tragasse a qualquer momento. Fazia naquele dia treze anos, e era alto para a idade, com os olhos verdes e o cabelo dourado dos Lannister.

– Vossa Graça – disse ela, fazendo uma reverência.

Sor Arys também fez uma reverência.

– Peço que me perdoe, Vossa Graça. Tenho de ir me equipar para a arena.

Joffrey o mandou embora com um aceno brusco, enquanto estudava Sansa da cabeça aos pés.

– Fico contente que tenha usado as minhas pedras.

Então, o rei decidira desempenhar hoje um papel galante. Sansa sentiu-se aliviada.

– Agradeço-lhe por elas... e pelas suas ternas palavras. Desejo-lhe um afortunado dia do seu nome, Vossa Graça.

– Sente-se – Joffrey ordenou, indicando-lhe com um gesto a cadeira vazia ao lado da sua. – Já lhe informaram? O Rei Pedinte está morto.

– Quem? – por um momento, Sansa sentiu receio de que ele se referisse a Robb.

– Viserys. O último filho do Rei Louco Aerys. Esteve andando pelas Cidades Livres desde antes do meu nascimento, chamando a si próprio rei. Bem, a mãe diz que os dothrakis finalmente o coroaram. Com ouro derretido – soltou uma gargalhada. – É engraçado, não é? O dragão era o seu símbolo. É quase tão bom como se um lobo qualquer matasse o traidor do seu irmão. Talvez eu o dê de comida aos lobos depois de capturá-lo. Já lhe disse que pretendo desafiá-lo para um duelo?

– Gostaria de assistir a isso, Vossa Graça – *mais do que você pensa*. Sansa manteve o tom calmo e educado, mas mesmo assim os olhos de Joffrey estreitaram-se enquanto tentava decidir se estaria caçoando dele. – Vai participar da justa hoje? – ela perguntou rapidamente.

O rei franziu a testa.

– A senhora minha mãe disse que não seria adequado, pois o torneio é em minha honra. De outro modo, eu seria o campeão. Não é verdade, Cão?

A boca do Cão de Caça retorceu-se.

– Contra esses aí? E por que não?

Sansa lembrou-se de que *ele* tinha sido campeão no torneio do pai.

– Irá competir hoje, senhor? – ela lhe perguntou.

A voz de Clegane soou repleta de desprezo.

– Nem valeria o esforço de me armar. Isto é um torneio de mosquitos.

O rei soltou uma gargalhada.

– Meu cão ladra ferozmente. Talvez eu deva lhe ordenar que combata o campeão do dia. Até a morte – Joffrey gostava de obrigar os homens a lutar até a morte.

– Ficaria com um cavaleiro a menos.

Cão de Caça nunca tinha prestado juramento de cavalaria. O irmão era um cavaleiro, e ele o odiava.

Soou um toque de trombeta. O rei voltou a se instalar na sua cadeira e tomou a mão de Sansa na sua. Em outros tempos, aquilo teria feito seu coração disparar, mas isso havia sido antes de ele ter respondido à sua súplica por misericórdia apresentando-lhe a cabeça do pai. Agora, aquele toque enchia-a de repulsa, mas sabia que não devia demonstrá-la. Obrigou-se a ficar sentada, muito quieta.

– *Sor Meryn Trant, da Guarda Real* – gritou um arauto.

Sor Meryn entrou, vindo do lado ocidental do pátio, usando uma placa de cintilante aço branco com filetes dourados, montando um cavalo branco leitoso com uma crina cinza esvoaçante. O manto fluía atrás dele como um campo de neve. Portava uma lança de três metros e meio.

– *Sor Hobber, da Casa Redwyne, da Árvore* – cantou o arauto. Sor Hobber surgiu a trote, vindo do leste, montando um garanhão negro coberto de tecido borgonha e azul. Sua lança era listrada nas mesmas cores, e o escudo ostentava o símbolo do cacho de uvas da sua Casa. Os gêmeos Redwyne eram hóspedes involuntários da rainha, tal como Sansa. Perguntou a si mesma de quem teria sido a ideia da sua participação no torneio de Joffrey. *Deles, aposto que não*, pensou.

A um sinal do mestre das festividades, os combatentes assentaram as lanças e esporearam as montarias. Ouviram-se gritos vindos da assistência de guardas e de senhores e senhoras na galeria. Os cavaleiros chocaram-se no centro do pátio com um grande estrondo de madeira e aço. As lanças branca e a listrada explodiram em lascas com um segundo de diferença uma da outra. Hobber Redwyne oscilou com o impacto, mas de algum modo conseguiu se manter montado. Dando a volta com os cavalos na extremidade da arena, os cavaleiros jogaram fora as lanças quebradas e receberam substitutas das mãos dos escudeiros. Sor Horas Redwyne, irmão gêmeo de Sor Hobber, gritou incentivos ao irmão.

Mas, na segunda passagem, Sor Meryn balançou a ponta da sua lança para atingir Sor Hobber no peito, derrubando-o da sela e fazendo-o estatelar-se com um retumbante estrondo no chão. Sor Horas soltou uma praga e correu para ajudar o irmão exaurido a sair do campo.

– Cavalo mal montado – Rei Joffrey declarou.

– *Sor Balon Swann, de Pedrelmo, na Atalaia Vermelha* – soou o grito do arauto. Grandes asas brancas ornamentavam o elmo de Sor Balon, e cisnes negros e brancos lutavam no seu escudo. – *Morros, da Casa Slynt, herdeiro de Lorde Janos de Harrenhal*.

– Olhe para aquele arrivista imbecil – exclamou Joff, alto o suficiente para que metade do pátio o ouvisse. Morros, um mero escudeiro, e ainda por cima novato nessa posição, tinha dificuldade em manejar a lança e o escudo. Sansa sabia que a lança era uma arma de cavaleiro, e os Slynt eram homens de baixo nascimento. Lorde Janos não havia sido mais do que comandante da Patrulha da Cidade antes de Joffrey tê-lo trazido para o conselho e lhe ter dado Harrenhal.

Espero que caia e se envergonhe, pensou com amargura. *Espero que Sor Balon o mate*. Quando Joffrey proclamou a morte do pai, foi Janos Slynt quem agarrou a cabeça cortada de Lorde Eddard pelo cabelo e a ergueu bem alto para que o rei e a multidão a contemplassem, enquanto Sansa chorava e gritava.

Morros usava uma capa com xadrez preto e dourado sobre uma armadura negra, incrustada de arabescos dourados. O escudo exibia a lança ensanguentada que o pai havia escolhido como símbolo da sua nova casa. Mas ele parecia não saber o que fazer com o escudo, enquanto incitava o cavalo a avançar, e a ponta de Sor Balon atingiu o brasão em cheio. Morros soltou a lança, lutou para manter o equilíbrio, mas perdeu. Um pé ficou preso no estribo quando caiu, e o cavalo em fuga arrastou o jovem até o fim da arena, com a cabeça quicando no chão. Joff soltou gritos de escárnio. Sansa ficou aterrorizada, perguntando-se se os deuses teriam escutado sua prece vingativa. Porém, quando desprenderam Morros Slynt do cavalo, encontraram-no coberto de sangue, mas vivo.

– Tommen, escolhemos o adversário errado para você – disse o rei ao irmão. – O cavaleiro de palha compete melhor do que aquele ali.

Em seguida, chegou a vez de Sor Horas Redwyne. Esteve melhor do que o irmão, vencendo um cavaleiro idoso, cuja montaria estava adornada com grifos de prata sobre fundo listrado de azul e branco. Apesar da magnificência que ostentava, o velho foi um oponente frágil. Joffrey franziu o lábio.

– Este espetáculo está medíocre.

– Eu o preveni – disse Cão de Caça. – Mosquitos.

O rei estava ficando entediado, o que deixava Sansa ansiosa. Abaixou os olhos e decidiu manter-se em silêncio, acontecesse o que acontecesse. Quando o humor de Joffrey Baratheon se fechava, qualquer palavra à toa podia disparar uma das suas iras.

– *Lothor Brune, cavaleiro livre ao serviço de Lorde Baelish* – gritou o arauto. – *Sor Dontos, o Vermelho, da Casa Hollard.*

O cavaleiro livre, um homem pequeno numa armadura amassada e sem símbolos, surgiu como devia ser, na extremidade ocidental do pátio, mas do seu oponente não havia sinal. Por fim, um garanhão alazão surgiu trotando no meio de um redemoinho de sedas carmim e escarlate, mas Sor Dontos não se encontrava sobre ele. O cavaleiro apareceu um momento mais tarde, praguejando e cambaleando, equipado com a placa de peito e o elmo com plumas, mas nada mais. Suas pernas eram brancas e magras, e o membro balançava obscenamente enquanto perseguia o cavalo. A audiência rugiu e berrou insultos. Apanhando o cavalo pelo freio, Sor Dontos tentou montar, mas o animal não ficava quieto, e o cavaleiro estava tão bêbado que o pé descalço não acertava o estribo.

Então, a multidão já uivava de rir... Todos, menos o rei. Joffrey tinha uma expressão nos olhos de que Sansa se lembrava bem, a mesma que mostrara no Grande Septo de Baelor no dia em que sentenciou Lorde Eddard Stark à morte. Por fim, Sor Dontos, o Vermelho, desistiu, sentou-se na terra e tirou o elmo emplumado.

– Perdi – gritou. – Tragam-me vinho.

O rei se levantou.

– Um casco da adega! Quero vê-lo afogado nele.

Sansa ouviu-se arquejar.

– Não, não pode.

Joffrey virou a cabeça.

– O que você disse?

Sansa não conseguia acreditar que havia falado. Estaria louca? Dizer-lhe *não* na frente de metade da corte? Não pretendia dizer nada, mas... Sor Dontos estava bêbado, bobo e incapaz, mas não tinha sido mal-intencionado.

– Você disse que *não posso*? Disse?

– Por favor – disse Sansa. – Eu só quis dizer... seria má sorte, Vossa Graça... Matar um homem no dia do seu nome.

– Está mentindo – disse Joffrey. – Deveria afogá-la também, se você se preocupa tanto com ele.

– Eu não me preocupo com ele, Vossa Graça – as palavras saíram aos trancos, desesperadamente. – Afogue-o, ou mande cortar sua cabeça, mas... Mate-o amanhã, se quiser, mas, por favor... hoje não, não no dia do seu nome. Não poderia suportar que tivesse má sorte... Uma sorte terrível, mesmo para reis. Todos os cantores o dizem...

Joffrey franziu o cenho. Ele sabia que ela estava mentindo, percebeu. Faria Sansa sangrar por aquilo.

– A moça diz a verdade – Cão de Caça interveio. – O que um homem semeia no dia do seu nome, colhe ao longo do ano – a voz era monocórdica, como se não lhe importasse nem um pouco se o rei acreditava ou não. Poderia ser *verdade*? Sansa não sabia. Tinha sido apenas algo que dissera, desesperada por evitar uma punição.

Pouco feliz, Joffrey moveu-se na cadeira e fez um gesto brusco com os dedos na direção de Sor Dontos.

– Levem-no. Mandarei matar esse tolo amanhã.

– E é o que ele é – disse Sansa. – Um tolo. Um bobo. Você é tão inteligente por ver isso. Ele fica melhor como bobo do que como cavaleiro, não fica? Deveria vesti-lo com retalhos e fazer dele seu palhaço. Não merece a piedade de uma morte rápida.

O rei a estudou por um momento.

– Talvez não seja tão estúpida como a mãe diz – e levantou a voz: – Ouviu a minha senhora, Dontos? Deste dia em diante, é o meu novo bobo. Pode dormir com o Rapaz-Lua e vestir-se de retalhos.

Sor Dontos, tornado sóbrio depois de roçar a morte de perto, caiu de joelhos.

– Agradeço-lhe, Vossa Graça. E a você também, minha senhora. Obrigado.

Enquanto um par de guardas Lannister o levava, o mestre de cerimônias aproximou-se do camarote:

– Vossa Graça – disse –, deverei chamar um novo adversário para Brune ou prosseguir com a próxima justa?

– Nem uma coisa nem outra. Esses aí são mosquitos, e não cavaleiros. Teria condenado todos à morte se não fosse o dia do meu nome. O torneio acabou. Leve todos para longe da minha vista.

O mestre de cerimônias fez uma reverência, mas o Príncipe Tommen foi menos obediente.

– Eu ia enfrentar o homem de palha.

– Hoje não.

– Mas eu quero.

– Não me interessa o que você quer.

– A mãe *disse* que eu podia.

– É verdade – concordou a Princesa Myrcella.

– A mãe *disse* – zombou o rei. – Não seja infantil.

– Somos crianças – Myrcella declarou com altivez. – *Espera-se* que sejamos infantis.

Cão de Caça soltou uma gargalhada:

– Ela pegou você.

Joffrey aceitou a derrota.

– Muito bem. Nem meu irmão poderá combater pior que os outros. Mestre, traga o manequim. Tommen quer ser um mosquito.

Tommen soltou um grito de alegria e correu para ser preparado, com as pequenas pernas roliças batendo com força no chão.

– Boa sorte – Sansa gritou para ele.

Colocaram o manequim na extremidade mais distante da arena, enquanto o pônei do príncipe era selado. O oponente de Tommen era um guerreiro de couro do tamanho de uma criança, estofado com palha e montado num eixo, com um escudo numa mão e uma maça acolchoada na outra. Alguém tinha prendido um par de chifres de veado na cabeça do cavaleiro. Sansa lembrava-se que o pai de Joffrey, o Rei Robert, usava chifres no elmo, mas também os usava Lorde Renly, irmão de Robert, que tinha se tornado traidor e se coroado rei.

Um par de escudeiros afivelou no príncipe sua ornamentada armadura prateada e carmim. Uma grande crista de penas vermelhas brotava do topo do seu elmo, e o leão de Lannister e o veado coroado de Baratheon brincavam juntos no seu escudo. Os escudeiros ajudaram-no a montar, e Sor Aron Santagar, mestre de armas da Fortaleza Vermelha, avançou e entregou a Tommen uma espada prateada, sem fio, com uma lâmina em forma de folha, concebida para se ajustar a uma mão de oito anos.

Tommen ergueu a lâmina bem alto.

– Rochedo Casterly – gritou, numa aguda voz de garoto, ao bater com os calcanhares no pônei e começar a investida contra o manequim. A Senhora Tanda e Lorde Gyles soltaram vivas descontraídos, e Sansa juntou sua voz às deles. O rei caiu no silêncio.

Tommen fez o pônei seguir a trote ligeiro, brandiu vigorosamente a espada e deu um golpe sólido no escudo do cavaleiro quando passou por ele. O manequim rodopiou, a maça voou e foi dar uma poderosa cacetada na nuca do príncipe. Tommen caiu da sela, fazendo sua armadura nova retinir como um saco de penicos velhos ao atingir o chão. A espada voou para longe, o pônei fugiu a meio galope pelo pátio afora, e uma grande rajada de escárnio agitou o ar. Rei Joffrey foi, de todos, quem riu mais e durante mais tempo.

– Oh – gritou a Princesa Myrcella. Saltou do camarote e correu até o irmão mais novo.

Sansa deu por si possuída por uma estranha e leviana coragem.

– Devia ir com ela – disse ao rei. – Seu irmão pode estar ferido.

Joffrey encolheu os ombros.

– E se estiver?

– Devia ajudá-lo a ficar em pé e lhe dizer que montou bem – Sansa parecia não conseguir se conter.

– Foi derrubado do cavalo e caiu no chão – ressaltou o rei. – Isso não é montar bem.

– Olhe – Cão de Caça os interrompeu. – O rapaz tem coragem. Vai tentar novamente.

Estavam ajudando o Príncipe Tommen a montar no seu pônei. *Se ao menos Tommen fosse o mais velho em vez de Joffrey*, pensou Sansa. *Não me importaria de me casar com Tommen.*

Os sons vindos da guarita apanharam-nos de surpresa. Correntes retiniram quando a porta levadiça foi içada, e os grandes portões abriram-se entre rangidos de dobradiças de ferro.

– Quem lhes disse para abrir o portão? – Joff exigiu saber. Com a agitação na cidade, os portões da Fortaleza Vermelha estavam fechados havia dias.

Uma coluna de homens a cavalo emergiu por baixo da porta levadiça, com tinidos de aço e ruídos de cascos. Clegane se aproximou do rei, com uma mão no cabo da espada. Os visitantes vinham descompostos, rotos e empoeirados, mas o estandarte que transportavam era o leão de

Lannister, dourado no seu fundo carmesim. Alguns usavam os mantos vermelhos e a cota de malha dos soldados Lannister, mas a maioria era de cavaleiros livres e mercenários, com armaduras desemparelhadas e eriçados com seu aço afiado... E havia outros, selvagens monstruosos saídos de uma das histórias da Velha Ama, aquelas assustadoras que Bran antes adorava. Trabalhavam peles puídas e couro fervido e usavam cabelo comprido e barbas ferozes. Alguns tinham ataduras manchadas de sangue na testa ou enroladas nas mãos e braços, e a outros faltavam olhos, orelhas e dedos.

No meio dos homens, montado num grande cavalo vermelho com uma estranha sela alta que o embalava para trás e para a frente, estava o irmão anão da rainha, Tyrion Lannister, aquele a quem chamavam Duende. Deixara a barba crescer até deixar sua cara enterrada e se transformar num hirsuto emaranhado de pelos amarelos e negros, duros como arame. Às suas costas, caía um manto de pele de gato-das-sombras, de pelo negro rajado de branco. As rédeas estavam na mão esquerda, e o braço direito vinha enfiado numa tira de seda branca, mas, fora isso, parecia tão grotesco como Sansa recordava da época de sua visita a Winterfell. Com sua testa proeminente e olhos de cores diferentes, ainda era o homem mais feio que já vira na vida.

Mas Tommen espetou as esporas no pônei e galopou precipitadamente pelo pátio afora, gritando de alegria. Um dos selvagens, um homem enorme e desajeitado, tão peludo que a cara quase desaparecia no meio da barba, puxou o rapaz da sela, com armadura e tudo, e depositou-o no chão ao lado do tio. O riso sem fôlego de Tommen ecoou nas muralhas quando Tyrion lhe deu uma palmada na placa das costas, e Sansa espantou-se ao notar que os dois eram da mesma altura. Myrcella veio correndo atrás do irmão, e o anão pegou-a pela cintura e fez a princesa rodopiar, gritando.

Quando a devolveu ao chão, o pequeno homem deu um beijo leve na sua testa e bamboleou através do pátio, na direção de Joffrey. Dois dos seus homens seguiram-no de perto; um mercenário de cabelo e olhos negros, que se movia como um gato caçando, e um jovem magro com uma órbita vazia no local onde um olho deveria estar. Tommen e Myrcella vieram atrás deles.

O anão caiu sobre um joelho em frente do rei.

– Vossa Graça.

– Você – disse Joffrey.

– Eu – concordou o Duende –, se bem que uma saudação mais cortês talvez fosse mais apropriada para um tio e um homem mais velho.

– Dizia-se que estava morto – disse Cão de Caça.

O pequeno homem lançou um olhar ao grande. Um dos seus olhos era verde, o outro, negro, e ambos eram frios.

– Falava com o rei, não com o cachorro dele.

– *Eu* estou feliz por não estar morto – disse a Princesa Myrcella.

– Compartilhamos essa opinião, querida filha.

Tyrion virou-se para Sansa.

– Minha senhora, lamento as suas perdas. Os deuses são realmente cruéis.

Sansa não conseguiu encontrar uma só palavra para lhe dizer. Como podia ele lamentar as suas perdas? Estaria caçoando dela? Não eram os deuses que eram cruéis, era Joffrey.

– Lamento também a sua perda, Joffrey – disse o anão.

– Que perda?

– O seu real pai? Um homem grande e impetuoso com uma barba negra; recordará dele se fizer um esforço. Foi rei antes do senhor.

– Ah, *ele*. Sim, foi muito triste, um javali o matou.

– É isso o *que se diz*, Vossa Graça?

Joffrey franziu a testa. Sansa sentiu que devia dizer qualquer coisa. O que a Septã Mordane costumava lhe dizer? *A armadura de uma senhora é a cortesia*, era isso. Colocou sua armadura e disse:

– Lamento que a senhora minha mãe o tenha tomado prisioneiro, senhor.

– Há muitas pessoas que lamentam isso – Tyrion respondeu. – E antes que eu termine o que tenho a fazer, algumas poderão lamentá-lo um pouco mais... No entanto, agradeço o sentimento. Joffrey, onde poderei encontrar sua mãe?

– Ela está com o conselho – o rei respondeu. – Seu irmão Jaime anda só perdendo batalhas – lançou a Sansa um olhar zangado, como se fosse culpa *dela*. – Foi capturado pelos Stark e perdemos Correrrio. Agora o estúpido irmão dela intitula-se rei.

O anão deu um sorriso torto.

– Nos dias que correm todo tipo de gente se intitula rei.

Joff não soube o que pensar daquilo, embora tivesse uma expressão de suspeita e insatisfação.

– Sim. Bem. Fico feliz que não esteja morto, tio. Trouxe-me algum presente para o dia do meu nome?

– Sim. A minha inteligência.

– Preferiria a cabeça de Robb Stark – Joff rebateu, com um relance maldoso para Sansa.

– Tommen, Myrcella, venham.

Sandor Clegane deixou-se ficar um momento para trás:

– Eu teria cuidado com essa sua língua, homenzinho – preveniu-o, antes de se afastar a passos largos atrás do seu senhor.

Sansa foi deixada com o anão e seus monstros. Tentou pensar no que poderia dizer mais.

– Está com o braço ferido – ela disse, por fim.

– Um dos seus nortenhos atingiu-me com uma maça de guerra durante a batalha no Ramo Verde. Escapei dele caindo do cavalo – seu sorriso malicioso transformou-se em algo mais suave enquanto estudava o rosto dela. – É o pesar pelo senhor seu pai que a deixa tão triste?

– Meu pai era um traidor – Sansa respondeu imediatamente. – E meu irmão e a senhora minha mãe são também traidores – tinha aprendido depressa aquele reflexo. – Eu sou leal ao meu amado Joffrey.

– Sem dúvida. Tão leal como uma corça rodeada de lobos.

– Leões – sussurrou ela, sem pensar. Olhou em volta nervosamente, mas ninguém estava suficientemente perto para ouvir.

O Lannister estendeu a mão, tomou a dela na sua e a apertou.

– Eu sou só um pequeno leão, filha, e juro que não a morderei – e, com uma reverência, disse:

– Mas agora deve me desculpar. Tenho assuntos urgentes a tratar com a rainha e o conselho.

Sansa ficou vendo o anão afastar-se, com o corpo oscilando pesadamente de um lado para o outro a cada passo, como algo saído de um circo de aberrações. *Fala com mais gentileza do que Joffrey*, pensou, *mas a rainha também falou comigo com gentileza. É ainda um Lannister, irmão dela e tio de Joff, e não é amigo*. Antes, tinha amado o Príncipe Joffrey de todo o coração e admirara e confiara em sua mãe, a rainha. Tinham lhe devolvido esse amor e confiança com a cabeça do seu pai. Sansa nunca mais voltaria a cometer o mesmo erro.